



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

VENÂNCIO DE PAULA RIBEIRO JÚNIOR

**ENSINO DE VIOLÃO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JOÃO PESSOA: UMA
EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DA SEÇÃO DE BANDAS ESCOLARES,
MÚSICA E DANÇA (SBE)**

JOÃO PESSOA

2023

VENÂNCIO DE PAULA RIBEIRO JÚNIOR

**ENSINO DE VIOLÃO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JOÃO PESSOA: UMA
EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DA SEÇÃO DE BANDAS ESCOLARES,
MÚSICA E DANÇA (SBE)**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música, habilitação em Violão.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Pereira dos Santos

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R484e Ribeiro Júnior, Venancio de Paula.

Ensino de violão nas escolas municipais de João Pessoa : uma experiência a partir do Projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança (SBE) / Venancio de Paula Ribeiro Júnior. - João Pessoa, 2023.

71 f.

Orientação: Carla Pereira dos Santos.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Música (Licenciatura) - TCC. 2. Música - Ensino.
3. Instrumento musical - Ensino. 4. Violão - Ensino coletivo. I. Santos, Carla Pereira dos. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 78:37(043.2)

VENÂNCIO DE PAULA RIBEIRO JÚNIOR

**ENSINO DE VIOLÃO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JOÃO PESSOA: UMA
EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DA SEÇÃO DE BANDAS ESCOLARES,
MÚSICA E DANÇA (SBE)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Música da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em Música,
habilitação em Violão.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dra. Carla Pereira dos Santos
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Vanildo Mousinho Marinho
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço profundamente a minha orientadora Prof^a. Dra. Carla Santos, pela imensa paciência e por todo suporte durante o processo, com orientações pontuais que foram fundamentais para a realização desse trabalho.

Em especial a minha companheira, Izabel Gomes, que sempre esteve ao meu lado durante todo o trajeto do curso e da vida.

Agradeço imensamente a minha querida mãe Sônia Santos, pela dedicação e suporte na minha jornada de vida e aos meus irmãos Alexandre Taumaturgo e Fábio Ribeiro pelos apoios incondicionais.

Agradeço a todos os professores do curso, colegas e amigos que compartilharam tantos momentos de aprendizado e companheirismo durante o trajeto.

A todos vocês, o meu sincero obrigado!

RESUMO

O ensino de violão nas escolas de educação básica já não é mais utopia, a realidade desse ensino vem sendo adotado em várias cidades pelo Brasil. Uma dessas experiências ocorre em algumas escolas municipais de educação básica da cidade de João Pessoa – PB, através do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança (SBE). Dessa forma, esta pesquisa pretendeu compreender e analisar quais as principais características, como e por que o ensino de violão começou a fazer parte das atividades do projeto da SBE, realizado nas escolas públicas do município de João Pessoa. Como objetivos específicos pretendi: identificar e compreender o que motivou a inserção das aulas de violão no projeto e sua continuidade; analisar a necessidade e o significado das aulas de violão como parte das atividades do projeto; compreender e analisar como aconteceram as aulas de violão dentro do projeto. Na revisão de literatura e fundamentação teórica fiz um levantamento das publicações sobre o ensino de instrumentos musicais na escola de educação básica. Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas com o coordenador e dois professores que participam do projeto. Através da análise dos dados obtidos foi possível compreender que a motivação do surgimento desse ensino no projeto da SBE partiu da demanda dos alunos que demonstravam interesse em aprender a tocar violão e outros instrumentos que não fazem parte da banda marcial, surgindo com isso o ensino de violão, flauta doce e cavaquinho.

Palavras-chave: ensino de música na escola; ensino coletivo de instrumento musical; ensino coletivo de violão.

ABSTRACT

Teaching guitar in basic education schools is no longer a utopia; the reality of this practice has been adopted in several cities throughout Brazil. One of these experiences takes place in some municipal schools in the city of João Pessoa - PB, through the *Seção de Bandas Escolares, Música e Dança (SBE)*. Therefore, this research aimed to understand and analyze the main characteristics, how and why guitar teaching became part of the activities of the SBE project, carried out in public schools in the municipality of João Pessoa. As specific objectives I intended to: identify and understand what motivated the inclusion of guitar lessons into the project and its continuance; analyze the need for and meaning of guitar lessons as part of the project activities; understand and analyze how guitar lessons took place within the project. In the literature review and theoretical foundation, I researched publications on the teaching of musical instruments in basic education schools. The data was collected through semi-structured interviews with the coordinator and two teachers who participate in the project. By analyzing the data obtained, it was possible to realize that the motivation for the emergence of this teaching practice in the SBE project came from the demand of students who expressed an interest in learning how to play the guitar and other instruments which are not part of the marching band, thus giving rise to the teaching of the guitar, recorder and cavaquinho.

Keywords: music teaching at schools; musical instrument collective teaching; collective guitar teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ENSINO DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS NA ESCOLA: UM LEVANTAMENTO DA LITERATURA.....	14
2.1	REVISÃO SOBRE O TEMA	15
2.2	PANORAMA DO ENSINO DE INSTRUMENTO NA ESCOLA	17
2.2.1	Grupos Instrumentais na escola	17
2.2.2	Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na escola.....	22
2.2.3	Ensino Coletivo de Violão na escola	27
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS SOBRE O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS	34
3.1	ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL	34
3.2	ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO.....	36
4	O ENSINO DE VIOLÃO NO PROJETO DE BANDAS ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA.....	40
4.1	CRIAÇÃO E ESTRUTURA DO PROJETO DA SBE.....	40
4.2	AS AULAS DE VIOLÃO DO PROJETO.....	44
4.2.1	Aspectos pedagógicos adotados pelos professores entrevistados	51
4.2.2	Desafios, vantagens e desvantagens.....	55
4.3	A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE VIOLÃO NO PROJETO	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS	64
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO	70
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O COORDENADOR	71
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS PROFESSORES	72

1 INTRODUÇÃO

Minha experiência com essa temática está diretamente relacionada à minha prática e formação musical ligada ao violão, e também à minha experiência como professor. O ensino do violão é algo que sempre me atraiu desde o início de minha formação e principalmente a partir de minhas primeiras experiências como professor, mesmo sem ainda saber exatamente como conduzir as aulas. Cabe destacar, que iniciei minhas atividades de ensino bem antes de estudar música formalmente. Por conta de eu ter participado de algumas bandas na adolescência, pude começar a lecionar o instrumento para amigos próximos, e essa experiência foi excelente, pois me fez começar a desenvolver estratégias para o ensino a partir apenas do que eu tinha vivenciado na prática, e como os poucos alunos que tive nessa época eram amigos, o repertório era do nosso gosto.

Após alguns anos me graduei bacharel em música com habilitação em violão pela UFPB, onde além de todo saber adquirido, a instituição me proporcionou duas experiências que foram bastante relevantes para minha formação musical e para minha aproximação com o ensino e aprendizagem dentro de atividades coletivas. Particpei da Orquestra de Violões da Paraíba e integrei um Trio de Violões. Na Orquestra de Violões tive uma breve participação, mas mesmo tendo sido por pouco tempo foi bastante enriquecedor, pois nesse espaço há muito ensino e aprendizado, os participantes ajudam uns aos outros nas músicas, havendo uma grande socialização entre todos, é um espaço bastante colaborativo. Já o Trio de Violões foi uma experiência mais duradoura, tivemos a oportunidade de ter orientação de alguns professores de música, além dos professores de violão, o que nos ajudou com outras visões interpretativas. Os ensaios eram constantes nos proporcionando horas de estudo coletivo, onde nós nos ajudávamos em tudo, desde aspectos técnicos a interpretativos.

Dessa experiência com os grupos, passei para uma experiência mais específica que me levou a atuar como professor de violão e teoria musical, e também como professor condutor de grupos instrumentais em uma escola de música especializada. As aulas de violão eram ministradas de forma individual, e a teoria e percepção em grupo, porém ao final de cada semestre a escola realizava audições dos alunos no qual montávamos grupos musicais de diversas formações, como duo de violões, violão e piano, violão e canto, ou ainda orquestra de violões, e com isso, nas últimas semanas que antecediam as apresentações, a escola ficava imersa nos ensaios coletivos. Além disso, abordávamos músicas de diversas culturas, do

popular ao erudito, e sempre inserindo no repertório dos alunos as músicas que gostavam de ouvir, momento esse preferido pela grande maioria.

Foi a partir dessa experiência que passei a ter um olhar mais pontual para o ensino coletivo de violão, e isso se intensificou quando passei a atuar na educação básica como professor na musicalização infantil através do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança (SBE), vinculada à Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC) da prefeitura municipal de João Pessoa. Durante esse período tive contato direto com estudantes, incluindo alunos que estudavam o instrumento, e professores da educação básica, tanto professores da educação infantil, quanto do ensino fundamental. Foi então que eu soube que havia aulas de violão no projeto, e com isso me interessei em entender mais especificamente sobre essa proposta e também como ela surgiu, visto que o foco maior da SBE se encontra exatamente nas bandas marciais. Além disso, tempos depois, passei a ministrar aulas coletivas de violão através desse mesmo projeto em uma escola pública do município. A partir então desse pouco contato, ficou bastante evidente o interesse dos alunos em querer aprender a tocar violão, um ex-aluno confessou ansiedade no retorno das aulas, pois o professor não estava mais lecionando na sua escola.

Esse acúmulo de experiências, tanto como aluno e professor, e também minha experiência prática do instrumento, me nortearam pela escolha do tema de pesquisa. Com isso, uma das particularidades que pude observar foi o interesse e a motivação dos alunos em querer aprender, e como isso é diferente para cada pessoa ou grupo de alunos. Pude perceber o engajamento dos alunos principalmente durante as apresentações ou aulas coletivas, pois isso parece potencializar o engajamento e motivar a aprendizagem, haja vista que um ajuda o outro, podendo com isso, observar as habilidades e dificuldades de todos. Percebi também que esse formato de aula e atividades possibilitaram avanços na aprendizagem de forma mais rápida e efetiva e, conseqüentemente, por conta desses avanços, que a abordagem do ensino coletivo de instrumento parece se tornar uma metodologia significativa para o ensino de instrumento na escola de educação básica, inclusive por poder abarcar muitos alunos ao mesmo tempo.

Durante minha experiência na escola, também pude observar a importância de levar em conta o conhecimento do aluno como um todo, e principalmente em relação ao seu repertório. Os alunos geralmente se mostram mais interessados quando são incluídas em seus repertórios as músicas que gostam de ouvir.

Diante de todas essas situações e por observar a presença das aulas de violão nas escolas públicas do município de João Pessoa, surgiram vários questionamentos a respeito de

como surgiu o ensino de violão nesse projeto e a partir de quais necessidades, e consequentemente como acontecem essas aulas de violão. Esses questionamentos me levaram para a pesquisa: em quais escolas, quantos alunos, quem são os professores que atuam, como é a estrutura física e de material didático, qual metodologia os professores abordam, qual a formação dos professores, quais são as possíveis particularidades, quais os desafios, quais as vantagens e desvantagens, entre outras questões.

Sendo assim, o problema da pesquisa é entender: *quais as principais características, como e por que o ensino de violão começou a fazer parte das atividades do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança, realizado nas escolas públicas do município de João Pessoa?*

Para tanto, tenho como objetivo geral compreender e analisar quais as principais características, como e por que o ensino de violão começou a fazer parte das atividades do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança, realizado nas escolas públicas do município de João Pessoa. Como objetivos específicos pretendo: identificar e compreender o que motivou a inserção das aulas de violão no projeto e sua continuidade; analisar a necessidade e o significado das aulas de violão como parte das atividades do projeto; compreender e analisar como acontecem as aulas de violão dentro do projeto.

O motivo pelo qual fiz a escolha por esse tema é pela minha experiência com a prática no violão anteriores aos meus estudos formais, e consequentemente, à minha formação musical ligada ao instrumento, além também, evidentemente, da minha experiência como professor de violão. Meu outro interesse se dá pelo fato de considerar necessário o relato das experiências de ensino de violão vivenciadas nas escolas municipais de Educação Básica da cidade de João Pessoa a partir do projeto da SBE.

Na minha percepção, considero que esta pesquisa foi bastante significativa para minha formação pessoal e profissional pelo fato de que essa é a mesma realidade que vivencio cotidianamente. Nesse sentido, ao observar as experiências vivenciadas pelos meus colegas, poderei encontrar sugestões para as minhas próprias práticas em sala de aula, e também possibilitar a troca de conhecimento dentro do projeto da SBE, além é claro de trazer a discussão para o âmbito acadêmico, materializado através dessa pesquisa, demonstrando a relevância desse ensino.

Diante da natureza desse Trabalho de Conclusão de Curso, optei pelos caminhos metodológicos da pesquisa qualitativa, no qual os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas com o coordenador Rômulo Albuquerque e dois professores que participam do projeto, Luiz Gutemberg sendo o professor apenas de violão e

Sérgio Messias, que além de ser professor de violão, também leciona flauta doce e canto coral na escola. Eles aceitaram participar da pesquisa voluntariamente e assinaram termo de consentimento, autorizando o uso do nome real de cada um e o nome do projeto. Os roteiros das entrevistas se encontram nos Apêndices deste trabalho.

A organização dos roteiros partiu de questões que levassem à compreensão do problema da pesquisa, incluindo perguntas abertas explorando diferentes ângulos do tema. As entrevistas foram registradas através de gravação de áudio, sendo realizada posteriormente a transcrição, no qual foram codificados para categorização dos dados. Na análise, foi feito o processo de triangulação, envolvendo a comparação dos dados coletados, o que traz a literatura sobre o tema, exposto nesse trabalho, e ainda como minhas próprias experiências e meus conhecimentos adquiridos na vida e no curso de Licenciatura em música.

Em relação à estrutura do trabalho, organizei a revisão de literatura fazendo um levantamento das publicações sobre o ensino de instrumentos musicais na escola de educação básica. A pesquisa foi realizada nos Anais dos principais encontros nacionais e regionais da área, além disso, algumas dissertações e teses complementaram a pesquisa. Organizei o capítulo tendo como base dois principais pilares: o primeiro que trata dos trabalhos que buscaram realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema e depois os trabalhos com foco no ensino de instrumento na escola e no ensino de violão nas escolas, que é o direcionamento principal deste trabalho.

No capítulo sobre a fundamentação teórica fiz um levantamento dos principais autores que tratam sobre o tema do Ensino Coletivo de Instrumento Musical, trazendo conceitos, definições gerais, características metodológicas, além das vantagens e desvantagens desse ensino. Esse capítulo foi dividido em dois tópicos, o Ensino Coletivo de Instrumento Musical e o Ensino Coletivo de Violão.

O último capítulo está dedicado à análise dos dados e apresentação dos resultados. Dessa forma, organizei a apresentação da análise em três tópicos: Criação e estrutura do projeto; Sobre as aulas de violão do projeto; A importância das aulas de violão no projeto. No primeiro tópico apresento os dados históricos sobre a criação e a estrutura do projeto, bem como sobre seu funcionamento nos dias de hoje. No segundo, abordo sobre a implementação e funcionamento das aulas de violão no projeto. Por fim, o último tópico trata sobre a necessidade e o significado das aulas de violão dentro do projeto da Seção Bandas Escolares, Música e Dança.

2 ENSINO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS NA ESCOLA: UM LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Procurando entender como ocorre o ensino de instrumentos musicais nas escolas, e consequentemente o ensino de violão, fiz um levantamento das publicações de relatos de experiência, comunicações e pôsteres dos últimos 5 anos, além de publicações de mestrado e doutorado, dos últimos 10 anos. O levantamento foi realizado nos anais dos encontros nacionais e regionais, e revistas da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), nos anais do Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ENECIM), nos anais dos congressos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), nos anais do Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música (SIMPOM) e no portal Amplificar, que é uma ferramenta destinada a pesquisadores da área de Música, que facilita o processo de busca da produção bibliográfica nacional da área (base de dados Data), assim como a descoberta de periódicos, eventos, associações científicas e programas de pós-graduação brasileiros de Música.

Organizei a apresentação da minha revisão de literatura a partir de dois principais pilares: o primeiro que trata dos trabalhos que buscaram realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema e depois os trabalhos com foco no ensino de instrumento na escola e no ensino de violão nas escolas, que é o direcionamento principal deste trabalho. Em relação ao ensino de instrumento na escola, classifiquei ainda os trabalhos encontrados em duas subcategorias: Grupos Instrumentais (GI) e Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ECIM). A maioria das publicações encontradas são comunicações e relatos de experiência, porém há algumas dissertações e teses que complementam o levantamento bibliográfico, além disso, encontrei alguns artigos que são recortes de dissertações e teses, sejam concluídas ou em andamento na data da sua publicação.

Dentre os trabalhos sobre grupo instrumental, temos os que falam principalmente sobre bandas, orquestras e grupos musicais variados, e entre os que tratam sobre o ensino de instrumento, temos uma maior quantidade de trabalhos que falam sobre o ensino coletivo de instrumento musical com temáticas variadas.

A maioria dos trabalhos encontrados têm como foco central o aspecto metodológico, seja pelo viés da aplicabilidade de determinada prática, seja para o levantamento de várias estratégias de ensino podendo envolver a criatividade ou aspectos lúdicos por exemplo. Temos ainda outros trabalhos que buscam refletir sobre a motivação dos alunos, trabalhos que

buscam refletir sobre a necessidade do ensino e aprendizagem de música nos espaços escolares, seja para o desenvolvimento de habilidades de vários campos, seja no musical, cognitivo, afetivo, psicológico ou o social. Temos ainda alguns textos que fazem a revisão de trabalhos publicados sobre o tema. Não encontrei, nesse levantamento bibliográfico o ensino individual de instrumento na escola.

2.1 REVISÃO SOBRE O TEMA

Encontrei alguns trabalhos que buscaram realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema do ensino de instrumentos na escola. Nessa direção, encontrei o trabalho de Santos, Santana e Mello (2022), que a partir de uma pesquisa de iniciação científica realizaram um levantamento bibliográfico sobre esse tema a partir dos Anais da ABEM e da ANPPOM entre os anos de 2016 a 2021. A pesquisa busca investigar os trabalhos publicados com o objetivo de explorar o estado da arte e, conseqüentemente, “[...] refletir na reestruturação e modos de pensar a produção de conhecimento, a formação em música na educação superior e as práticas de ensino e aprendizagem de instrumento na escola de Educação Básica” (Santos; Santana; Mello, 2022, p. 3). A metodologia adotada na pesquisa é de abordagem qualitativa, tendo a pesquisa documental como o principal instrumento de coleta, mapeando o conhecimento que vem sendo produzido sobre o tema a partir dos dois principais eventos da área de música.

O texto traz dados importantes para o tema, visto que, com análise detalhada, demonstra não haver continuidade nos estudos iniciados, tendo um maior número de trabalhos como relato de experiência, podendo indicar que não há uma frente de pesquisa relacionado ao tema, carecendo de estudos mais aprofundados. Segundo os autores:

A partir dessa análise preliminar é possível perceber que a produção mostra-se pulverizada e descontinuada. Autores diferentes abordam o tema a cada ano, porém não se repetem, portanto, parece não haver continuidade dos trabalhos que leve à construção do conhecimento em torno dessa temática. Isso também pode sinalizar a falta de uma frente de pesquisa e estudo sobre o tema (Santos; Santana; Mello, 2022, p. 10).

Segundo os autores, a partir das análises realizadas, foi possível perceber que os trabalhos com foco no ensino de instrumento na escola de Educação Básica ainda estão em menor número em comparação com outro foco temático relacionado a escola. Portanto, os resultados obtidos apontam para a ampliação dos estudos e debates realizados pela ANPPOM e ABEM, no âmbito do ensino e aprendizagem de instrumentos musicais na escola de

Educação Básica, contribuindo para a construção de novos conhecimentos e sua divulgação, além de ampliar percepções e reflexões sobre o tema e/ou nos demais que o possam permear.

Nesse mesmo sentido, Alves (2015) apresenta uma breve revisão de literatura sobre o panorama do ensino de instrumentos musicais na educação básica, a fim de subsidiar o seu projeto de iniciação musical, desenvolvido no Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). O estudo se trata de uma pesquisa experimental aplicada no contexto escolar que estava em sua fase inicial no momento de sua publicação, e trata de uma pesquisa-ação cujo objetivo é elaborar, implantar e analisar um projeto de iniciação instrumental no Ensino Médio do IFCE, porém, nesse artigo, o autor se concentra na revisão de literatura sobre o tema. Alves afirma que são poucos os estudos que relatam experiências com o ensino de instrumentos musicais no contexto da educação básica. Dentre os autores pesquisados, a exemplo de Santos (2008), Tourinho (2003), Campos (2008), Barros e Penna (2013), tem-se referenciais relacionados à necessidade de a educação musical conquistar e ocupar seu espaço nas escolas, a fim de garantir a sua realização de forma eficaz. Também é observada importância de se pensar sobre a prática de ensino-aprendizagem a ser adotada, independente de modalidade e instrumento musical adotado na escola. Conclui dizendo que o ensino de instrumento musical na escola ainda é visto por muitos como uma utopia, mediante as várias dificuldades existentes. Porém, tomando como referência a revisão de literatura feita, ficou constatado que existem muitos casos de experiências bem-sucedidas, principalmente em relação ao ensino coletivo, como um dos principais meios de inserção do ensino instrumental na educação básica.

Outro artigo encontrado que buscou fazer uma revisão de literatura é uma pesquisa de mestrado em andamento de Carneiro e Nascimento (2022). A pesquisa se propõe a investigar o que a literatura traz a respeito da utilização de estratégias metacognitivas principalmente no que se refere ao ensino de instrumentos da família de sopros/metais no contexto da escola de educação básica. De acordo com os autores, o que se obteve de referências acadêmicas, até o presente momento, é que há poucos trabalhos voltados para o ensino coletivo de instrumento musical na escola na perspectiva da metacognição. As pesquisas encontradas tratam da metacognição e da performance musical instrumental, “[...] entretanto, não foram encontrados trabalhos que tivessem em seu foco o estudo da metacognição aplicada ao ensino coletivo de instrumentos musicais em contexto escolar” (Carneiro; Nascimento, 2022, p. 12). Desse modo, o autor constata que a proposta de sua pesquisa é inovadora, pois aborda uma nova perspectiva de estudo, voltado para o ensino de instrumentos musicais em contextos escolares, trazendo contribuições para esta área de conhecimento musical.

Por fim, nessa mesma direção de trabalhos que buscaram fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema, Santos (2015), em seu artigo, num recorte da sua tese de doutorado concluída em 2013, apresenta discussões que contemplam vários formatos e possibilidades de desenvolver música na escola, assim como a diversidade de práticas musicais escolares desenvolvidas em projetos ou atividades diversas. O objetivo desta comunicação é apresentar e discutir conceitos e dimensões do ensino de música na escola de educação básica. Nesse contexto, aponta a importância de se pensar também a respeito das diferentes dimensões que envolvem o ensino de música e a sua contribuição no processo de escolarização da música, mediante os diferentes formatos, configurados, por exemplo, como componente curricular, projetos ou atividades diversas, obrigatórias ou não, a exemplo de corais, de aulas de instrumentos e grupos instrumentais.

Segundo Santos, isso se deve à autonomia da escola para escolher e definir aquilo que irá fazer parte de seu projeto pedagógico, frisando-se a importância do estabelecimento de uma identidade musical – o que está previsto na legislação educacional. Para a autora, “[...] essa autonomia prevê que a escola organize e estruture seu próprio projeto pedagógico, conforme suas necessidades e sua realidade social” (Santos, 2015, p. 4). A autora conclui pontuando que a escola como uma instituição autônoma, com suas especificidades, produz e alimenta a própria cultura escolar, o que corresponde aos diferentes modos de ensinar e aprender. Desse modo, a autora constata que há diferentes formas de pensar e realizar música na escola de educação básica e com diferentes sentidos ao se tornar parte do projeto da escola, vai inserindo-se como componente curricular cada vez mais integrado às experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento.

2.2 PANORAMA DO ENSINO DE INSTRUMENTO NA ESCOLA

2.2.1 Grupos Instrumentais na escola

Com relação aos trabalhos sobre ensino de instrumento na escola com o foco temático voltado para grupos instrumentais, encontrei trabalhos diversos que inclui práticas em grupo como orquestras com vários tipos de formação seja de metais, flautas, ou instrumentos diversos, grupos musicais variados com poucos ou muitos alunos, bandas escolares, banda marcial ou de percussão, por exemplo. Ou seja, há uma gama diversificada de possibilidades de formação de grupos instrumentais na escola.

A tese de doutorado da autora Santos (2013), é o trabalho do qual o artigo anterior fez seu recorte para publicação, e trata sobre o ensino de instrumento com o foco temático voltado para grupos instrumentais. A tese analisa e discute uma das formas de ensinar música a partir da prática instrumental em uma orquestra escolar, buscando compreender também os sentidos da música nesse espaço. A Orquestra Villa-Lobos é composta por alunos do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Porto Alegre – RS. No trabalho a autora faz uma análise detalhada da forma como os integrantes fazem música naquele espaço, buscando compreender as dimensões desse ensino, bem como compreender os significados que constituem esse modo de ensinar música na escola. Segundo a autora, a abordagem qualitativa foi tomada como caminho metodológico, viabilizando “a investigação de aspectos subjetivos dos indivíduos envolvidos na pesquisa, como seus valores, ideias e formas de pensar e observar o mundo, com o devido cuidado e rigor” (Santos, 2013, p. 56).

Para a obtenção dos dados da pesquisa, a autora adotou como procedimentos e instrumentos de coleta a observação do campo empírico, registro em diário de campo, registro fotográfico, filmagens e entrevistas semiestruturadas. Todas as informações coletadas foram analisadas e interpretadas, gerando como resultado a configuração de um referencial de ensino-aprendizagem ambivalente, cujos vínculos afetivos estabelecidos e o trabalho rígido e formal da prática musical coletiva influencia na formação geral e profissional dos alunos, reverberando na qualidade dos ensaios, apresentações e espetáculos realizados na culminância do projeto.

No campo teórico analisa o conceito sobre a cultura escolar, e pesquisa sobre escola e sobre música nesse contexto. Segundo a autora:

A análise e interpretação dos dados indicou que o modo de ensinar música na escola através da Orquestra Villa-Lobos se configura a partir da prática musical em grupo, com referência na profissão, tendo as apresentações e espetáculos como culminância da aprendizagem musical. Nesse processo, os vínculos afetivos vão sendo fortalecidos pelo convívio e pela prática coletiva [...], que foi fazendo sentido para a instituição por suas ações e resultados, consolidando a Orquestra Villa-Lobos como um modo de ensinar música na escola (Santos, 2013, p. 7).

A autora conclui que o trabalho desenvolvido pela Orquestra Villa-Lobos destaca socialmente a escola e a comunidade, pois é um projeto escolar sedimentado, estruturado, que articula os conhecimentos musicais específicos com a socialização e a prática profissional, enfatizando as contribuições da pesquisa, inclusive dando visibilidade à prática musical em

grupo desenvolvida por essa Orquestra, nascida de um projeto articulado às referências de ensino da educação básica e ao contexto escolar em que está inserido.

Temos também outro artigo sobre ensino de instrumentos musicais com foco temático no grupo instrumental com a prática de orquestra, o trabalho é uma comunicação de Grezeli e Wolffenbüttel (2019) que se trata de um relato de experiência sobre a implantação e implementação de um projeto de incentivo à prática cultural na escola, entre os anos de 2013 a 2018, realizado pelo Colégio Marista Rosário, da rede privada de Porto Alegre/RS, o que favoreceu a formação da Orquestra Rosariense. Conforme declaram os autores, as ações do planejamento estratégico (2012-2022) da escola visaram a reestruturação curricular na área de linguagens e códigos, a curto, médio e longo prazo, cujos desdobramentos buscaram ampliar as práticas culturais, culminando na premiação do troféu de prata no 13º Prêmio de Responsabilidade Social na categoria Desenvolvimento Cultural no ano de 2018, promovido pelo Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (SINEPE-RS).

Mais um artigo encontrado sobre o grupo instrumental, é o trabalho de Kandler (2019), que aborda o tema a respeito da inserção da música no contexto de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), apresentando informações e resultados parciais de sua tese, desenvolvida no curso de Doutorado em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o objetivo de compreender como a música é inserida no IFSC-Florianópolis. A pesquisa trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa, utilizando-se da análise documental, observação e entrevistas semiestruturadas, para obtenção de dados. Segundo a autora, parece que a área de música não tem ocupado todos os espaços possíveis e modalidades ofertadas pelos IFETs. No que se refere ao IFSC-Florianópolis, a música tem dado maior visibilidade à instituição e as práticas educativo-musicais oportunizam o acesso gratuito de muitas pessoas à música. No entanto, há dificuldades para manter esta área fortalecida na instituição, por causa da formação de trabalhadores para a indústria.

Outro trabalho que trata sobre o ensino de instrumento, porém com o foco temático voltado para grupos instrumentais é o artigo de Rosa e Silva (2021), que apresenta um estudo preliminar de pesquisa de mestrado, sobre práticas musicais no ensino médio na Escola Estadual Governador Milton Campos, Belo Horizonte – MG, com o objetivo de compreender o sentido e o processo de ensino-aprendizagem de música neste contexto escolar. O foco desse estudo é a Banda Central, formada pela iniciativa de alguns jovens do ensino médio, que não foram contemplados com atividades de música dentre os itinerários formativos ofertados. A metodologia utilizada pelas autoras foi um estudo de caso. A coleta de dados se deu em dois períodos: observação de ensaios e apresentações ocorridas entre 2018 e 2019, e

conversas informais entre a pesquisadora e os integrantes da Banda Central. Os resultados obtidos revelaram que os sentidos atribuídos pelos jovens à Banda estão relacionados à necessidade de se socializarem e estabelecerem interação lúdica entre eles; como também revelaram que as experiências musicais anteriores auxiliaram na autoaprendizagem musicais. Os aspectos afetivos inerentes às suas práticas musicais, conforme atestam as autoras, foram importantes aspectos para o entrosamento, engajamento, construção do gosto musical, desenvolvimento de habilidades técnico-musicais, o que favoreceram a permanência dos jovens na Banda Central.

Outro trabalho encontrado é uma comunicação desenvolvido por Dantas (2021) que trata sobre o ensino de instrumentos com foco na formação de grupos instrumentais. O intuito do autor foi apresentar os procedimentos metodológicos adotados no ensino musical escolar para a formação da Banda Filarmônica Alzira Soriano na cidade de Jardim de Angicos – RN, seu objeto de estudo. A formação musical dos participantes da banda ocorreu vinculada à extensão das aulas de artes da Escola Municipal Francisco Barbosa – único espaço de educação musical da cidade. Para desenvolver este trabalho, o autor relata que adotou um currículo adaptado para este contexto de ensino, mas também vinculado ao funcionamento ativo da banda para manter-se importante para a população e o poder público. Segundo o autor, as recompensas reais obtidas com a formação musical é o “reconhecimento em meio a sociedade, ganho de autoestima, ter resiliência e uma nova habilidade que poderá ser usada por toda a sua vida” (Dantas, 2021, p. 7). O autor conclui seu artigo afirmando que há vários objetivos para a formação de um músico de banda filarmônica, mas o principal é dar acesso à educação musical às comunidades nas quais se inserem as bandas, formar músicos de nível musical médio para tornarem-se aptos para atuarem no corpo da banda, podendo ou não seguir a carreira profissional na música.

Nessa mesma direção de trabalhos com foco temático na formação de grupo instrumental, encontrei o artigo produzido por Estumano *et al.* (2019), que tem por objetivo divulgar o trabalho do projeto de extensão titulado de *Flauta doce: um encontro de saberes musicais*, apresentando os resultados parciais da implantação de suas ações junto à Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA). A proposta desse curso de extensão é ensinar a tocar o instrumento com um repertório diversificado e realizar apresentações em público. A metodologia aplicada para a obtenção dos dados foi o da pesquisa-ação, e em seis meses de atuação, já é possível perceber um diálogo entre as instâncias socializadoras família, escola e música, que vem agregando valores ao processo de musicalização e formação do grupo de flauta doce. Além disso, o projeto também promove um espaço de ampliação de

saberes, fomentando a formação continuada de estagiários para o ensino de flauta doce no contexto contemporâneo.

Barbosa Júnior (2018), ao apresentar sua pesquisa, trata de um projeto em desenvolvimento sobre a idealização do projeto de pesquisa e de extensão voltado para o ensino coletivo na educação básica a partir da formação de grupos instrumentais de sopro. Tem como objetivo “[...] oportunizar o convívio acadêmico junto à pesquisa e à extensão, por meio do exercício investigativo promovido entre alunos do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima e professores pesquisadores” (Barbosa Júnior, 2018, p. 81). Desse modo, afirmou que haveria outras possibilidades de trabalho acadêmico na formação de músicos e de sua prática docente junto à comunidade que participa de projetos acadêmicos de extensão. Para tanto, foi adotada como metodologia a pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória, por meio da qual o projeto seria executado, seguindo as etapas da revisão bibliográfica sobre o tema em pauta, análise de propostas educacional-musicais e, posteriormente, o planejamento, estruturação e execução das atividades de extensão universitária. O autor finaliza seu artigo, afirmando que este projeto proporciona à comunidade uma aprendizagem significativa e enriquecedora, além de engajar os discentes nesse processo de ensino dos cursos de extensão universitária.

O artigo de Sousa (2019), traz também a perspectiva da formação de grupos instrumentais e trata do ensino coletivo em bandas marciais ao fazer um recorte da sua pesquisa de doutorado em andamento na data da publicação, no qual, buscou observar como se estruturava e era executado o ensino em bandas escolares em escolas de tempo integral. O autor fez um estudo de campo, experimental, junto a duas bandas: Banda Marcial do Colégio Estadual Francisco Maria Dantas e Banda Marcial do Colégio Estadual Ismael Silva na cidade de Goiânia, GO – para saber como o ensino coletivo de instrumento era feito a partir dos métodos *Tocar Junto* e *Da Capo*, observando-se os benefícios trazidos para a escola. A metodologia adotada é o da revisão de literatura, pesquisa de campo e análise de material didático. A coleta de dados foi feita por meio de fichas de observação individuais e coletivas, estudos e observação in loco. O autor conclui dizendo que o ponto positivo do método é que em menos de um mês de aulas já é possível realizar um concerto – comprovando que por meio deste método a socialização, a inclusão e a performance musical se dá com êxito, principalmente em relação aos instrumentos de metais e percussão.

Por fim, seguindo na mesma linha de trabalhos que tratam do ensino de instrumento, com foco temático na formação de grupos instrumentais, encontrei a comunicação de Santos e Santos (2020), que traz um relato de experiência sobre a formação e as problemáticas

enfrentadas pelos regentes e a realidade do ensino de música em bandas escolares de Cuiabá com o intuito de refletir e questionar sobre as metodologias aplicadas no ensino musical das bandas e a sua influência na formação inicial de futuros regentes de bandas, assim como a falta de apoio institucional de universidades e entidades governamentais. A questão trazida pelas autoras é saber qual seria a formação mais adequada de um regente de bandas e fanfarras. As autoras fazem um paralelo com a vivência musical de uma das autoras, retratando o processo de sua formação como percussionista e regente de bandas, e essa experiência trouxe um referencial de regência de banda escolar, influenciando a formação da pesquisadora que atualmente comanda a regência da antiga banda, da qual fez parte como aluna. As autoras concluem o artigo, ressaltando a necessidade de investimento das entidades governamentais em bandas escolares, para que haja uma estrutura que contemple as suas demandas, principalmente materiais; e cobram das universidades responsabilidade maior neste processo formativo de regentes de bandas, atualizando seu currículo para melhor se adequar às especificidades da regência de uma banda escolar.

2.2.2 Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na escola

Dentre aos trabalhos sobre ensino coletivo de instrumento na escola, encontrei trabalhos diversos com temáticas variadas, sejam trabalhos onde o ensino coletivo ocorre com apenas um tipo de instrumento musical ou trabalhos com vários tipos de instrumentos diferentes numa mesma aula, ou ainda trabalhos que buscam investigar a inserção de música na escola e como ela acontece, trabalhos com o foco de estudo de metodologias para o ensino coletivo, entre outros.

Em relação ao ensino de instrumento musical nas escolas de Educação Básica, encontrei a dissertação de Gurgel (2014), que buscou investigar os professores de instrumentos e suas ações nas Escolas Parque de Brasília. O objetivo dessa pesquisa foi conhecer a dinâmica de trabalho realizada pelos docentes, a partir de suas concepções profissionais, do planejamento, organização e execução das aulas, além de descrever os desafios enfrentados pelos professores e as realizações decorrentes das práticas. Neste sentido, a pesquisa descreveu a inserção da música nas escolas regulares, o perfil de professor e os desafios sobre o ensino coletivo de instrumento musical, explorando os conceitos de profissionalidade, identidade e identidade profissional.

A metodologia adotada foi da pesquisa qualitativa, de abordagem descritiva, buscando-se por meio da entrevista e da observação do espaço escolar e da prática docente os dados necessários para se poder alcançar o objetivo proposto. Diante do que foi coletado, a autora constata que a maioria dos docentes não possuem formação superior em música, no entanto, ensinam o instrumento a partir das suas experiências, pela forma como aprenderam a tocar, pelos cursos de capacitação realizados e por meio de troca de conhecimento entre colegas. Por essa razão, a maioria desconhece técnicas e fundamentos específicos do ensino do instrumento em grupo, lamentando a ausência de projetos pedagógicos e de formação continuada.

Outro trabalho encontrado sobre o ensino de instrumentos musicais na escola foi a dissertação de Sousa (2020), que trata de um estudo de caso sobre a contribuição das representações mentais na aprendizagem musical de alunos da turma de flauta doce de uma escola pública do município de Pacatuba-CE. O objetivo deste trabalho foi identificar como as representações mentais auxiliam nesta aprendizagem. Segundo o autor, em relação a utilização das representações mentais no aprendizado musical, o trabalho se baseou em três exemplos práticos:

- 1) quando o aluno memoriza uma música por meio da visualização mental da estrutura composicional ou por meio de seus elementos técnicos-teóricos;
- 2) quando o aluno desenvolve habilidades auditivas ao ponto de conseguir ouvir e compreender uma composição musical mesmo com a ausência física dos sons; e
- 3) quando o aluno aprende a tocar uma música ouvindo gravações em um aparelho de som (Sousa, 2020, p. 78).

De acordo com a análise dos dados, o autor constata que os alunos evocaram imagens mentais para auxiliá-los em sua performance musical, o que foi comprovado pelas expressões referentes aos aspectos técnicos da flauta, apresentados nas duas etapas do experimento. Outro aspecto observado foi a manifestação das imagens mentais de forma espontânea, tornando-se conscientes a partir do momento em que eles foram incentivados a evocá-las. O autor conclui que as representações mentais podem auxiliar o indivíduo no aprendizado e no entendimento de conceitos musicais, possibilitando a evocação, a manipulação e o uso de informações registradas na memória. Esse processo da conscientização das representações se faz necessário na formação musical dos alunos e como ferramenta para orientar as suas práticas, auxiliando suas escolhas estéticas e performance – o que é pouco explorado em práticas pedagógicas e em pesquisas de educação musical.

Seguindo a mesma temática sobre o ensino de instrumento, Santos (2016) realizou um estudo sobre ensino coletivo com instrumentos de Arco. Trata-se de uma tese de doutorado, que propõe um levantamento e uma análise documental dos atuais métodos de ensino coletivo de instrumentos de cordas, realizado por meio de uma pesquisa quali-quantitativa. O objetivo desse estudo foi sistematizar, padronizar e verificar esses métodos adotados, para saber se atendem e como conseguem dar conta dos critérios estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino da música nas escolas regulares brasileiras, a fim de indicar caminhos e orientações pertinentes para incentivar professores de música a utilizarem o sistema de ensino coletivo de instrumentos no atendimento à Lei n.º 11.769/08.

Conforme relata o autor, a coleta de dados foi feita a partir de pesquisa documental e bibliográfica, com notação orientada por guia, e uso da técnica de *Pattern Matching*, para realizar a interpretação, organização e apresentação dos dados obtidos por meio da estatística descritiva e o processo de emparelhamento. Em sua abordagem empírica, a pesquisa também realizou análise de cinco métodos brasileiros e cinco estadunidenses, estes tendo sido escritos em dois volumes. Após estudo comparativo entre os métodos, com os dados obtidos se fundamentou a confecção de uma proposta didática, dividida em seis níveis e que se destina a ser utilizada, principalmente, nas escolas de ensino fundamental. O autor conclui a pesquisa, defendendo a ideia de que a educação musical coletiva com instrumentos de arco pode se constituir numa ferramenta adequada para o ensino da música nas escolas regulares, por ser uma alternativa eficiente e, principalmente, possível de ser realizada pela educação musical no Brasil.

Nessa mesma direção sobre o ensino de instrumentos na escola, encontrei o trabalho de Gomes e Amaral (2022), que apresentam um relato de experiência sobre a Oficina de Musicalização através da Flauta Doce da Escola Municipal Professor Arnaldo Monteiro Bezerra em Natal/RN. O objetivo do artigo é discutir a respeito das experiências relacionadas à aprendizagem musical da flauta doce, no contexto do distanciamento físico provocado pela pandemia da COVID-19, apresentando os caminhos trilhados para a realização das atividades da oficina. A metodologia adotada é da pesquisa qualitativa, cujos instrumentos de coleta de dados foram os registros de imagens, filmagens, questionário diagnóstico e diário de bordo utilizados pelas pesquisadoras. Os resultados obtidos apontam para o crescimento pessoal e social dos alunos, nos aspectos emocionais, artísticos e musicais, cognitivos e culturais, a partir das orientações recebidas e experiências estéticas musicais perpassadas, no contexto do distanciamento físico e nas dificuldades em seguir os protocolos sanitários – o que gerava a retomada dos combinados e regras de participação das aulas. Apesar das dificuldades, as

experiências proporcionadas nas oficinas foram relevantes para a produção de conhecimentos musicais, a consciência do coletivo, o desenvolvimento da sensibilidade musical, autoestima e solidariedade.

Encontrei também um artigo sobre o ensino de instrumento na escola, que trata da construção de monocórdios e sua utilização na educação básica. O trabalho é uma comunicação de Rodrigues e Silva (2020), e relata a respeito de uma experiência musical de bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência, do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande. Segundo os autores, esse subprojeto permite conhecer a realidade escolar e promover atividades de docência compartilhada. As práticas musicais foram numa escola da rede pública de ensino fundamental anos finais. Ocorreu a construção de trinta monocórdios, a serem utilizados em atividades de execução e improvisação musical na escola, feitas pelos alunos bolsistas, levando para a sala de aula uma proposta inovadora e criativa, que explorasse a improvisação coletiva, a partir da referência do gênero musical nordestino aboio. O resultado obtido é que após a apresentação do gênero aboio, os monocórdios foram usados pelos discentes por meio de imitação, aprendendo a executar a célula rítmica/melódica. Todos participaram e a interação entre bolsistas e discentes permitiu a realização de improvisação de forma entusiasta, esta experiência musical permitiu também o desenvolvimento da autonomia e tomada de decisão nas interações estabelecidas na turma.

O artigo escrito por Picanço (2022), segue o tema de trabalhos sobre o ensino de instrumentos na escola, e faz parte da pesquisa que ele desenvolve no Mestrado Profissional em Arte (ProfArtes), na Universidade Federal do Amazonas, na cidade de Manaus - AM. Seu objetivo é refletir sobre o ensino coletivo de flauta doce, a partir da prática da metodologia ativa nas aulas de música. Como trabalha com a pesquisa-ação, o autor utiliza-se de diferentes procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Delimitou um grupo focal nas aulas de Arte do ensino fundamental 2 em escola pública de tempo integral, formado pela única turma do 6º ano, composta por 36 estudantes, para terem aulas de flauta doce durante 16 semanas, em um tempo de aula semanal. Segundo o autor, ao longo desse período, seriam coletadas informações sobre o desenvolvimento musical dos estudantes, a respeito do domínio do instrumento musical e da leitura em partitura. Para a obtenção dos dados, foram feitas entrevistas, registros fotográficos e filmagens das aulas, preenchimento de questionário e fichas individuais. Os resultados parciais obtidos pelo pesquisador mostram que a Educação Coletiva de Instrumento Musical (ECIM), ao ser implementada como metodologia ativa de ensino, torna o estudante sujeito ativo no processo de construção e apropriação de

conhecimento, possibilitando a aprendizagem colaborativa, tendo em vista os estudantes terem pouco ou nenhum conhecimento musical técnico ou prático. Para este contexto de ensino, a ECIM é a metodologia mais adequada.

Pimentel (2020), traz um relato de experiência que trata da contribuição do ensino coletivo de instrumentos musicais para o desenvolvimento das habilidades sociais de estudantes. Segundo o autor, essas habilidades constituem um conjunto de “[...] comportamentos que um indivíduo emite para completar, com sucesso, uma determinada tarefa social. O desenvolvimento dessas habilidades sociais pode ocorrer de diversos modos, inclusive no ensino coletivo de instrumentos musicais” (Pimentel, 2020, p. 179). A pesquisa se caracterizou como um estudo de caso, realizado em uma escola municipal, no município de Canoas/RS. Os participantes foram estudantes integrantes das aulas de música na escola. Com o intuito de observar o desempenho de habilidades sociais dos estudantes participantes das aulas de Violão, Violino e Flauta Doce, procurou-se analisar a eficácia do ensino coletivo para a promoção de habilidades sociais nesses estudantes. A coleta de dados se deu durante as aulas, apresentações e entre conversas dos estudantes. Os resultados obtidos atestam que a interação estabelecida nas aulas de ensino coletivo de instrumento favoreceu o desenvolvimento de habilidades sociais de crianças e adolescentes, o que reitera a discussão sobre a importância da música na escola.

O artigo de Tavares (2020), aborda o tema do ensino coletivo de instrumento musical com a flauta doce, e traz um relato de experiência na disciplina de música no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus João Câmara. No período de agosto a novembro de 2019, foi ofertada a disciplina de música para três turmas dos 2º anos dos cursos técnicos integrados de Administração, Informática e Eletrotécnica com o objetivo de que os alunos “[...] vivenciassem a prática instrumental simultaneamente aos conteúdos teóricos de estruturação e linguagem musical dados na disciplina de música” (Tavares, 2020, pg. 293). As atividades foram realizadas, ampliando os conhecimentos musicais dos alunos participantes, bem como proporcionando experiência com o instrumento melódico, possibilitando, assim, uma maior interação dos alunos – o que desenvolveu e estimulou “[...] a auto compreensão, o senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança, e um maior desenvolvimento musical como um todo” (Tavares, 2020, pg. 293). A autora conclui que a flauta doce pode ser uma ferramenta a ser utilizada em turmas grandes, inclusive por ser um instrumento musical barato e que o ensino coletivo do instrumento favorece o envolvimento e a participação da turma, principalmente se a teoria caminhar junto à prática.

Outro trabalho encontrado sobre o ensino de instrumento nas escolas, é o relato de experiência de Ribeiro (2018), que utiliza o cavaquinho com base no ECIM. O projeto *O Aprendiz – música na escola* promove aulas gratuitas de iniciação musical e prática de diversos instrumentos para estudantes do ensino fundamental anos iniciais e finais, em Niterói, no Rio de Janeiro, conforme declara o autor. Com relação ao ensino do cavaquinho, o autor declara que o objetivo é promover a integração do estudo entre música e instrumento, tendo em vista se trabalhar com os aspectos históricos e socioculturais vinculados a este instrumento, possibilitando aos alunos conhecerem a música de tradição popular – o que não está na mídia atual. Segundo o autor, as atividades são estruturadas seguindo o modelo C(L)A(S)P, tendo a composição, apreciação e performance com pilares que norteiam o processo de ensino-aprendizagem. O autor finaliza o artigo, dizendo que as atividades descritas fazem parte de um longo processo de aprendizagem musical, que incentiva a percepção musical e a criação artística e que o este relato possa ampliar e ressignificar o ensino coletivo de instrumento musical.

Por fim, temos o artigo de Rocha (2018) que traz propostas de atividades para ensino coletivo de instrumentos, e tem como objetivo discutir e apresentar propostas pedagógicas com arranjos musicais para o ensino coletivo de cordas friccionadas. O autor relata que através de sua experiência no estágio supervisionado da Universidade de Brasília, no segundo semestre de 2017, fez a experiência em campo em uma escola de educação básica da cidade Ceilândia, DF. Segundo Rocha, essa proposta surgiu da necessidade de atrair o interesse dos alunos partindo da referência de seu contexto sociocultural, para se criar um repertório com músicas presentes no cotidiano dos alunos. O autor explica que diante dessa situação, juntamente com professores orientadores de estágio supervisionado, criaram uma proposta de atividades que modificasse esse modelo de ensino, partindo-se da prática para a teoria, e era fundamentado em execução, prática, criação, composição, improvisação. Após descrever as etapas das aulas, finaliza o artigo, disponibilizando os dois arranjos produzidos por ele, e os playbacks das músicas através de um link que conduzirá para o SoundCloud.

2.2.3 Ensino Coletivo de Violão na escola

Ainda dentro da categoria de ensino de instrumentos, temos também o foco temático sobre o ensino coletivo de violão, direcionamento central deste Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, os trabalhos encontrados abordam o tema a partir de várias

perspectivas, seja para sistematizar uma metodologia ou apenas apresentar alguma, seja para reafirmar a importância do ECV, ou estudos pedagógicos diversos, entre outros.

Silva Sá (2016), em sua dissertação sobre o Ensino Coletivo de Violão, desenvolveu uma pesquisa-ação por meio da qual buscou “sistematizar uma metodologia de ensino que contemple a formação musical inicial do aluno na educação básica e a ampliação do seu repertório por meio do ensino coletivo de violão” (Silva Sá, 2016, p. 9). Segundo o autor, o Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) tornou-se um método bastante utilizado no Brasil, para o ensino-aprendizagem de diferentes instrumentos musicais. Tal proposta apresenta muitas vantagens, relacionadas à sociabilidade entre os alunos, aumentando a cooperação e a motivação em aprender, assim promove o desenvolvimento do repertório musical a curto prazo. Segundo Silva Sá, para que o ECIM seja uma proposta efetiva e viável, é necessário implementar novas metodologias, que possam *clarificar* aspectos didático-pedagógicos, históricos, psicológicos e sociais como enfatiza Cruvinel (2008), umas das referências que fundamentam a sua pesquisa.

Esta proposta foi aplicada numa turma com 16 alunos do ensino médio participantes do projeto, contemplando questões técnicas e culturais, desenvolvendo diferentes habilidades ao fazer musical, da expressão e da criatividade dos alunos, mediante o contexto com estilos e gêneros musicais diversificados. Silva Sá conclui que a proposta metodológica contemplou tanto a formação musical técnica como a formação cultural dos alunos, tornando-se eficiente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, tendo em vista que propicia a iniciação musical e instrumental dos alunos, segue a legislação educacional, amplia e favorece o gosto musical, por meio de atividades contextualizadas que refletem e analisam aspectos musicais, favorecendo, assim, o desenvolvimento de diferentes habilidades, a criatividade e a expressão musical, ao utilizarem um diversificado repertório.

Outra referência acadêmica a respeito do ensino de violão nas escolas, é a dissertação de Oliveira (2015), realizado em uma turma de ensino médio na disciplina de Artes/Música, no Instituto Federal Fluminense, localizada na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. Neste trabalho, o autor apresenta um relato de experiência junto a alunos de níveis heterogêneos de técnica instrumental, numa turma de ensino médio integrado, que participa das aulas de Violão. Segundo o autor, esta abordagem foi a mais adequada, considerando-se o estudo proposto, cuja ação pedagógica está teoricamente fundamentada na aprendizagem colaborativa, de Monereo e Gisbert (2005), e a da zona de desenvolvimento proximal, de Vigotski (2007, 2010), buscando valorizar a participação de todos nas atividades realizadas, nos debates e reflexões feitos durante as aulas. A escolha por essa temática se justifica pela

necessidade de se analisar criticamente as práticas adotadas no ensino coletivo de instrumentos musicais, assim como fazer a divulgação de tais práticas, tendo em vista ser “[...] pequeno o número de publicações que compartilham experiências musicais desenvolvidas em sala de aula no ensino básico” (Oliveira, 2015, p.7).

Os procedimentos utilizados foram a observação-participante da interação estabelecida em sala de aula; e análise documental (planos de aulas, diário de classe, apostilas, relatórios e registros de aula), para delimitar as demandas e especificar a dinâmica do contexto de ensino-aprendizagem. Também foi utilizada a entrevista como instrumento de coleta, que serviu para mapear o perfil do alunado. Os resultados obtidos mostraram que houve progresso na turma observada, devido ao estímulo feito pelo docente, a interação estabelecida pela turma, criando uma rotina de cooperação – o que influenciou bastante na aprendizagem dos alunos sujeitos da pesquisa. Portanto, o autor conclui que as vantagens verificadas no ensino coletivo foram: os alunos cooperavam entre si, auxiliando-se e aprendendo mutuamente, com seus erros e acertos – ou seja, a interação social influencia a prática musical. Finaliza a pesquisa, apresentando uma proposta de ensino coletivo de violão sob a perspectiva cooperativa, uma vez que há escassez de material didático especializado para o ensino do violão na educação básica.

Ainda sobre o ensino coletivo de violão, encontrei um artigo produzido por Silva e Santos (2021), originado de sua pesquisa em andamento no curso de Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre a importância da formação continuada de professores da educação básica participantes do ProfArtes. Este programa de formação docente continuada é ofertado em sua modalidade semipresencial, promovendo intercâmbios entre professores das diferentes IES participantes. Segundo os autores, por causa da implantação da lei 11.769/2008, e as alterações dispostas pela Lei 13.278/2016 na LDBEN que tornou obrigatório o ensino de música na educação básica, exige novas demandas tanto da instituição escolar como para o professor, gerando a necessidade de sua formação continuada, para poder dar conta das especificidades relacionadas ao ensino da música na escola. Desse modo, apresentam a sua pesquisa, caracterizada como um estudo de caso, vinculado ao campo empírico da Orquestra de Violões do Instituto Federal do Piauí, composta por alunos do ensino básico, técnico e tecnológico e colaboradores externos da comunidade. Esta primeira fase da pesquisa está atrelada à revisão da literatura sobre seu objeto de estudo, por meio da qual se busca por referências teórico-metodológicas para subsidiar a pesquisa. Os autores finalizam o artigo, reiterando a importante contribuição do ProfArtes na formação docente e o

comprometimento do pesquisador em desenvolver este projeto, com o preparo adquirido no curso.

A comunicação escrita por Sousa (2018), tem também como foco central o ensino coletivo de violão e trata da importância do Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) na educação básica. Este trabalho tem o objetivo de apresentar a utilização do violão no ensino coletivo de instrumento musical nas escolas públicas de Goiás, fazendo uma breve revisão da literatura. Situa sua pesquisa em relação à inserção do ECIM, especificamente, nas escolas de ensino básico de Goiás, fazendo referência ao projeto desenvolvido pelo professor Fábio Amaral da Silva Sá, por meio do qual foi sendo inserido o Ensino Coletivo de Violão (EVC) em várias escolas da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás ao longo dos anos, conforme explica a autora. Finaliza seu texto, frisando que o ECIM, na rede pública estadual em Goiás, “[...] faz com que os alunos tenham mais possibilidades de continuar os seus estudos no violão, em uma escola especializada, visando até mesmo o ensino superior em música” (Sousa, 2018, p. 13). Para a autora, a escola tem feito o seu papel de oferecer a formação inicial em ECIM, abrindo-se oportunidades de aprendizado cada vez mais amplo na área musical.

A comunicação feita por Silva e Santos (2022), tem também como tema principal o ensino coletivo de violão, e traz o relato de uma pesquisa de mestrado profissional em Artes – ProfArtes, no qual, se propõe a apresentar o seu andamento. O objetivo central da pesquisa é buscar entender quais as implicações do ensino coletivo de violão no processo de aprendizagem em uma orquestra escolar. O campo empírico pesquisado é na Orquestra de Violões de Corrente, do Instituto Federal do Piauí IFPI, Campus Corrente, na qual se faz o ensino coletivo de violão. A pesquisa se configura como um estudo de caso, cujos dados estão sendo coletados por meio da observação e dos registros no diário de campo, entrevistas semiestruturadas e recursos audiovisuais, a serem interpretados a partir da análise indutiva. A revisão da literatura busca mapear trabalhos acadêmicos realizados no país nos últimos dez anos, enquadrados em três categorias centrais, conforme apontam os autores: Ensino de música na escola; Ensino coletivo de instrumento musical; Ensino coletivo de violão. De acordo com Silva e Santos (2022), o referencial teórico que fundamenta a pesquisa se constitui a partir de duas perspectivas: a metodológica e a teoria espiral. A primeira está relacionada ao modo de realização das atividades com a orquestra, com base pedagógica no ECIM e ECV; a segunda se concentra no desenvolvimento musical mediante as etapas trabalhadas, a partir da teoria espiral de Keith Swanwick. Em se tratando das observações

feitas do campo empírico, constatou-se o engajamento dos participantes nas atividades e nas aulas de instrumento coletivo, o que favorecerá o desenvolvimento da aprendizagem musical.

Outro artigo sobre o ensino coletivo de violão é o estudo realizado por Gomes e Mendes (2018), que trata de um relato de experiência com o intuito de contribuir com as pesquisas feitas sobre essa temática, assim como na criação de projetos e na permanência de Políticas Públicas relacionadas ao ensino de música na escola, conforme explicam os autores. As aulas foram realizadas através do Subprojeto de Música do PIBID Unicamp na E.E. José Vilagelin Neto. De acordo com Gomes e Mendes (2018), “[...] a metodologia adotada é o relato resumido do trabalho realizado ao longo de cinco anos da implementação do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na escola citada, bem como o embasamento teórico para as práticas adotadas no ensino de música” (Gomes; Mendes, 2018, p. 2). A proposta inicial do subprojeto era desenvolver o trabalho com a banda de fanfarra e canto coral, com os alunos do Ensino Fundamental Anos Finais e Médio, no contraturno escolar. Porém, a proposta foi ampliada, sendo criados outros projetos nas aulas de Artes: “[...] coral, fanfarra, ensino coletivo de violão, flauta doce, apoio a projeto de teatro, além de aulas de apreciação musical e musicalização em parceria com os professores de algumas disciplinas, como Arte e História” (Gomes; Mendes, 2018, p. 2). Os autores concluem o texto afirmando que essas atividades buscaram tratar o respeito à diversidade de repertórios e a democratização do acesso ao conhecimento musical, integrando e potencializando as capacidades de todos os envolvidos, assim como contribuindo para a formação humana e profissional dos bolsistas participantes.

Silva, Santos e Amui (2020), tratam sobre as reciprocidades entre ensino coletivo de violão e inclusão, a partir do recorte feito do trabalho de final de curso. Os objetivos propostos pelos autores é refletir e observar a relação entre o Ensino Coletivo de Violão (ECV) e o processo de inclusão escolar, numa turma com alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), como explicam os autores. Para tanto, foi realizada uma Pesquisa-Ação em uma escola da rede de ensino regular da cidade de Goiânia-GO, buscando-se comprovar que o ensino coletivo de violão promove a inclusão de alunos no contexto escolar. Silva, Santos e Amui reiteram a importância de se conhecer o contexto de atuação docente para poder desenvolver atividades de musicalização por meio do ECV em uma turma com alunos especiais. Nesse sentido, buscaram informações para conhecer as “especificidades dos alunos de inclusão no contexto escolar (legislação, documentos de associações, revisão de literatura, etc.), identificando como os alunos de inclusão se adaptam, ou não, à aula de música” (Silva; Santos; Amui, 2020, p. 307). Para os autores, a falta de formação adequada

voltada para a educação inclusiva é uma barreira para o docente lidar com a diversidade em sala de aula de modo geral, e muito mais difícil em se tratando de Educação Musical Especial (EME). As informações foram coletadas por meio da observação e registradas no diário de campo, para posterior análise, considerando os conceitos e princípios apresentados no referencial teórico. Os resultados obtidos confirmaram a aproximação entre o ECV e a inclusão, já que o ambiente inclusivo, assim como a intervenção através do ensino coletivo, proporcionou que houvesse aumento da interação e troca de conhecimento entre alunos.

Por fim, encontrei o artigo sobre o ensino coletivo de violão de Sousa (2018), que apresenta um relato de experiência a respeito do trabalho desenvolvido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) - Subprojeto de Música IFG, Campus Goiânia. Nele se realizou o processo de musicalização de alunos do ensino fundamental e médio, por meio do Ensino Coletivo de Violão, em 2015, no Colégio Estadual Assis Chateaubriand, em Goiânia/GO. De acordo com a autora, os objetivos deste projeto de iniciação musical foram:

[...] promover a musicalização por meio do Ensino Coletivo de Violão; despertar o interesse pelo aprofundamento do estudo musical teórico e prático; apresentar um repertório musical diversificado; criar a sociabilização dos alunos nas aulas de violão, através do ensino coletivo (Sousa, 2018, p. 197)

Em relação às aulas e material didático, a autora expõe que “[...] Além das aulas expositivas seguidas de prática instrumental, foram utilizados alguns métodos de Ensino Coletivo de Violão e adaptações, para o desenvolvimento da leitura de cifras e dedilhados, postura, notas e acordes” (Sousa, 2018, p. 197). Isto ocorre porque há carência de material didático para o Ensino Coletivo de Violão. Assim, a maioria dos professores fazem adaptações ou arranjos para utilizarem em suas aulas práticas. O resultado obtido foi a realização de um recital no final do ano, no encerramento das aulas de violão. Conclui-se que a musicalização por meio do instrumento e de forma coletiva, proporciona maior interesse por parte do aluno em aprender os conteúdos teórico-musicais.

Assim, e com base nas exposições acima dos autores, vemos cada vez mais um número crescente de escolas de Educação Básica que utilizam o ensino de instrumentos musicais, seja através de grupos instrumentais, através do ensino coletivo de instrumentos musicais, e conseqüentemente, através do ensino coletivo de violão, que é o foco central desse trabalho. Presença essa nos mais variados contextos, ressaltando ser uma alternativa viável de trabalhar o ensino da música nesses espaços. Nesse sentido percebemos uma lacuna pela falta

de trabalhos que versem sobre como acontece o ensino coletivo de violão nas escolas públicas da cidade de João Pessoa. Com isso, o trabalho pretendeu compreender e analisar quais as principais características, como e por que o ensino de violão começou a fazer parte das atividades do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança, realizado nas escolas públicas de educação básica do município.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS SOBRE O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

3.1 ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL

O Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) é uma prática bastante recorrente em diversos espaços de ensino/aprendizagem como aponta Tourinho (2008): “Estes procedimentos básicos têm sido aplicados em escolas de música especializadas, em ONGs, projetos sociais, centros comunitários e outros espaços onde se ensina música fora da escola” (Tourinho, 2008, p. 4). Assume diversas possibilidades de ensino, seja na formação de bandas ou quarteto de cordas, por exemplo, ou focado em apenas um instrumento como é o caso da flauta ou do violão, entre tantas outras possibilidades. Nesse sentido, a literatura traz, entre outros, o conceito de ensino coletivo homogêneo e heterogêneo, como destacado por Cruvinel:

Ensino coletivo homogêneo e heterogêneo: o ECIM pode acontecer com o mesmo instrumento ou com instrumentos diferentes. Para que o ensino heterogêneo ocorra é necessário que na sistematização metodológica, sejam observados os elementos comuns aos instrumentos possibilitando a criação de estudos técnicos e arranjos musicais possíveis de serem aplicados aos instrumentos simultaneamente (Cruvinel, 2009, p. 75).

Em suas pesquisas, Cruvinel (2004) aponta ainda que a sistematização desse tipo de ensino surgiu primeiramente na Europa, sendo difundido posteriormente para os Estados Unidos, onde se tem registro desde o século XIX. Veio para o Brasil no final da década de 1950 “[...] através da formação de bandas de música nas fábricas do interior paulista” (Cruvinel, 2004, p. 3).

Nos dias de hoje o ECIM é extremamente difundido e temos uma robusta literatura que aborda o tema. As primeiras pesquisas acadêmicas no Brasil datam de início e meados dos anos 1990, como é o caso dos autores: Linda Krüger e Anamaria Peixoto (1991); José Leonel Gonçalves Dias (1994); Ana Cristina Tourinho (1995); Abel Moraes (1995); entre outros. Temos ainda o ENECIM (Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical) que acontece desde 2004 com edições bianuais.

Nesse sentido, as pesquisas apontam sobre os benefícios dessa metodologia, sendo assim, Cruvinel defende em 10 tópicos a sua eficácia:

1) é eficiente como metodologia na iniciação instrumental; 2) é acelerado o desenvolvimento dos elementos técnico-musicais para a iniciação instrumental; 3) o resultado musical ocorre de maneira rápida, motivando os alunos a darem continuidade ao estudo do instrumento; 4) a teoria musical é associada à prática instrumental, facilitando a compreensão dos alunos; 5) há baixo índice de desistência; 6) desenvolve a percepção auditiva, a coordenação motora, a concentração, a memória, o raciocínio, a agilidade, o relaxamento, a disciplina, a autoconfiança, a autonomia, a independência, a cooperação e a solidariedade, entre outros; 7) contribui para o desenvolvimento do senso crítico, da consciência política e da noção de cidadania e para mudança positiva de comportamento dos sujeitos envolvidos; 8) o desempenho em apresentações públicas traz motivação, segurança e desinibição aos alunos; 9) as relações interpessoais do processo de ensino-aprendizagem coletiva contribuem de maneira significativa no processo de desenvolvimento da aprendizagem, da expressão, da afetividade, da auto-valorização, da auto-estima; do respeito mútuo, da cooperação, da solidariedade e a união do grupo; 10) a didática e a metodologia de ensino devem ser adequadas ao perfil e às necessidades de cada grupo (Cruvinel, 2004, p. 34).

Os autores concordam que o ensino coletivo é eficaz com alunos que nunca tiveram o contato com o instrumento ou que tenham conhecimentos elementares, como apontado por Cruvinel (2009), ao observar a fala dos educadores musicais e sua revisão bibliográfica: “[...] o ensino coletivo é mais estimulante para o aluno iniciante, devido ao seu maior desenvolvimento em poucos meses de aula, em decorrência das técnicas pedagógicas utilizadas” (Cruvinel, 2009, p. 74).

Dessa forma, os ganhos técnico-musicais ocorrem de maneira mais rápida, pois através do aprendizado coletivo os alunos se sentem estimulados em desenvolver seus estudos musicais, adquirindo de maneira geral uma criticidade mais clara a respeito da música e da técnica instrumental. Segundo Santos (2008): “A contínua observação das várias turmas que tem vivenciado essa prática tornou possível verificar que a partir do dinamismo e interação entre os alunos a aprendizagem do violão acontece com maior facilidade” (Santos, 2008, p. 4).

Para além dos benefícios musicais, há ganhos também no contexto socializador entre os integrantes do grupo, pois se sentem mais desinibidos e mais motivados, contribuindo assim para um aprendizado mais efetivo, como traz Cruvinel (2009) ao apontar as vantagens pedagógicas do ECIM:

A interação social é aspecto fundamental no desenvolvimento do processo pedagógico coletivo. O aluno percebe que suas dificuldades não são exclusivas, sendo natural compartilhar experiências com os colegas. Outro ponto de motivação é o sentimento de prazer e valorização que o aluno sente

participando de uma Orquestra, Banda ou Coral, logo no início dos estudos (Cruvinel, 2009, p. 74-75).

Ainda sobre algumas das vantagens pedagógicas para além do desenvolvimento musical, o ensino coletivo de instrumento musical contribui também para a formação humanística e ética uma vez que busca desenvolver a noção de cidadania, como apontado por Cruvinel:

O ensino coletivo possibilita uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a autocompreensão, autoestima, senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança, auxiliando não só o desenvolvimento da personalidade do educando, bem como, no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo (Cruvinel, 2009, p. 75).

O ensino coletivo é democrático pois além de abarcar um maior número de pessoas ao mesmo tempo, utiliza uma metodologia que parte do princípio de suprir as expectativas dos alunos no que se refere a necessidade de ouvi-los, de incluir primordialmente no repertório músicas que gostem e que estejam presentes em sua vivência, pois se sentem motivados dessa forma. E claro, sem deixar de lado outros aspectos não menos importantes como a diversidade cultural e músicas aplicadas muitas vezes apenas para o exercício técnico. Silva Sá (2012) observa que: “a escolha do repertório é fundamental para que se alcance êxito no processo de ensino-aprendizagem de qualquer projeto de ensino coletivo” (Silva Sá, 2012, p. 203).

Dentre as dificuldades em trabalhar o ensino coletivo a literatura menciona algumas particularidades. Segundo Tourinho (2004): “As dificuldades vão desde a disponibilidade do próprio material e instrumento a condições mínimas de espaço físico” (Tourinho, 2004, p. 40). Outro desafio se refere à tarefa do professor de ministrar os faltosos, pois quando um aluno perde uma aula acaba comprometendo o restante do grupo, necessitando rever a aula anterior. Já Silva Sá (2016), aponta para: “[...] a dificuldade de manter uma turma homogênea por um longo período, à medida em que cada aluno tem seu próprio ritmo de aprendizagem” (Silva Sá, 2016, p. 14).

3.2 ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO

Apesar de muitos adeptos, ao se tratar do ensino coletivo de violão até o momento, temos conhecimento de poucos métodos que tragam arranjos e metodologias para esse

formato, principalmente no que diz respeito a repertório para iniciantes, como apontado por Silva Sá:

Após um extenso levantamento bibliográfico em editoras, livrarias e bibliotecas, foi possível confirmar que ainda existem poucos materiais didáticos publicados no Brasil elaborados para a iniciação musical por meio do ensino coletivo de violão. Foram encontrados apenas três materiais em que os próprios autores os conceituam como destinados a aulas coletivas de violão: 1) Oficina de Violão: volume 1 - Cristina Tourinho e Robson Barreto (2003); 2) Violão Orquestral: volume I - metodologia do ensino coletivo e 20 arranjos completos para orquestra de violões - Cláudio Weizmann (2003); 3) Na Ponta dos Dedos: exercícios e repertórios para grupos de cordas dedilhadas - Marcelo Brazil (2012) (Silva Sá, 2016, p. 31).

Entretanto, essa metodologia de ensino está cada vez mais presente em diversos espaços. Um dos motivos é pelo fato do violão ser um instrumento presente em diversos gêneros musicais, já enraizado na cultura brasileira. Outro fato é que o violão é um instrumento com um custo relativamente baixo, além de ser leve, podendo ser facilmente carregado. O instrumento é também bastante versátil no que se refere a possibilidades de execução, seja utilizado de forma harmônica, melódica ou percussiva. E ainda por sua diversidade de formação, seja com outros instrumentos ou uma orquestra de violões, por exemplo.

Em seus estudos Tourinho recomenda diversas possibilidades de atuação do professor na sala de aula distinguindo a metodologia do ensino coletivo de violão de outros instrumentos melódicos, onde “[...] a metodologia para estes grupos difere em vários aspectos da metodologia do ensino para violão” (Tourinho, 2006, p. 89).

É exatamente por conta dessa versatilidade tanto no que diz respeito aos vários estilos musicais em que o violão está presente, assim como as várias possibilidades de execução no instrumento, seja harmônico, melódico ou percussivo, que faz com que tenhamos caminhos diferenciados para o ensino coletivo.

Tourinho (2006) separa em cinco propostas metodológicas em sala de aula para o ensino coletivo de violão apresentando algumas possibilidades para a disposição física de estudantes e professores no espaço. As disposições são: 1) em círculo; 2) em duplas ou equipes; 3) masterclass; 4) orquestra e 5) solista/plateia.

Segundo a autora, todas as etapas são importantes no processo, pois para cada disposição física em sala de aula é associada uma abordagem metodológica específica para atingir os objetivos propostos, como, por exemplo, todo o grupo sentado em um grande círculo, nesse caso há o favorecimento de aspectos sociais, podendo ser feito uma abordagem

mais oral. Outra disposição física destacada por Tourinho (2006), é o formato em duplas, no qual favorece exercícios de percepção por exemplo, sempre partindo do pressuposto que todas essas etapas estão em função das músicas escolhidas para tocar no semestre. Tourinho (2006) acredita ainda na premissa principal que a aula deve ser direcionada a todos, mesmo que em determinado momento esteja sendo desenvolvido uma atividade de caráter mais individual, segundo a autora: “[...] a essência do ensino coletivo acontece quando existe um professor que trabalha com diversos indivíduos no mesmo espaço físico, horário, e que várias pessoas aprendem conjuntamente a tocar a mesma peça” (Tourinho, 2006, p. 86).

Alguns autores como Tourinho (2007) e Silva Sá (2010) mencionam que essa metodologia de ensino deve durar em média dois anos de estudo. Após esse período o aluno deve passar para o acompanhamento de aulas individuais para que os estudos possam desenvolver de maneira mais focada a depender das particularidades de cada um. Para Tourinho o ensino coletivo de violão “na grande maioria dos casos, destina-se a pessoas sem aprendizado formal anterior, que prosseguem os estudos por 3 ou 4 semestres, antes de decidirem (ou não) por continuar seus estudos” (Tourinho, 2007, p. 2). Silva Sá (2010) corrobora com essa ideia, e verificou que:

O sistema é melhor aproveitado quando direcionado para alunos iniciantes, num período aproximado de dois anos, mas o projeto tem experiências com turmas que ultrapassaram esse período e que continuam com um bom aproveitamento, pois os alunos estão em um mesmo nível técnico e com uma dedicação de estudo semelhante (Silva Sá, 2010, p. 898).

Dentre os vários espaços educacionais presentes no nosso meio social, como já discutido acima, há também a possibilidade de desenvolver um ensino coletivo de instrumento musical na educação básica, seja de violão ou algum outro. Essa possibilidade não vem apenas sendo discutida, mas também vem sendo implantada gradativamente, geralmente a partir de iniciativas particulares de determinado professor ou a partir de algum tipo de projeto social no qual a escola faça parte. Nesse sentido, Tourinho (2008) passa “[...] então a refletir acerca da possibilidade de implementação do ensino coletivo de instrumentos na escola pública, uma possibilidade que já vem sendo discutida e mesmo aplicada isoladamente em algumas instituições” (Tourinho, 2008, p. 5-6).

Segundo Santos (2008), essas aulas podem estar inseridas em aulas curriculares ou em outros contextos, abrindo um leque de possibilidades de se trabalhar esse tipo de ensino, podendo atender a um grande número de alunos, estando assim “[...] inserido num contexto musical amplo e democrático” (Santos, 2008, p. 3). A autora destaca ainda a importância de

compreender que essa metodologia de ensino de instrumento deve ser um recurso a mais nas aulas de educação musical nas escolas.

Vale salientar ainda as vantagens e desvantagens pedagógicas apontadas por Tourinho (2009) a respeito do Ensino Coletivo de Violão. Para as vantagens afirma que:

- a) o atendimento ao maior número de pessoas em menos tempo de trabalho;
- b) menor desgaste para o professor com as aulas iniciais, onde se repete menos as informações básicas;
- c) os estudantes aprendem uns com os outros, por observação mútua e autoavaliação intuitiva;
- d) os parâmetros musicais são adquiridos mais rapidamente. Existem também vantagens financeiras, como a diminuição do valor da hora-aula (Tourinho, 2009, p. 86 e 87).

Já para as desvantagens, Tourinho (2009) destaca, “[...] a dificuldade de administrar diferenças individuais de aprendizagem, inclusive de temperamento e gosto musical, disciplina, assiduidade, pontualidade e estudo em casa” (Tourinho, 2009, p. 87).

Diante disso podemos perceber que a metodologia de ECIM, assim como a metodologia do ECV é uma realidade a mais de 30 anos no Brasil, e vem sendo amplamente discutida com uma base metodológica sólida e aplicada em diversos contextos sociais, mostrando sua relevância no cenário da educação musical como uma importante ferramenta de ensino, inclusive nas escolas de educação básica.

4 O ENSINO DE VIOLÃO NO PROJETO DE BANDAS ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA

Neste capítulo apresento a análise dos dados coletados e os resultados obtidos. O objetivo geral do estudo, como já citado, tem como finalidade: *Compreender e analisar quais as principais características, como e por que o ensino de violão começou a fazer parte das atividades do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança, realizado nas escolas públicas do município de João Pessoa.* Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas com o coordenador Rômulo Albuquerque e dois professores que participam do projeto, Luiz Gutemberg sendo o professor apenas de violão e Sérgio Messias, que além de ser professor de violão, também leciona flauta doce e canto coral na escola.

Dessa forma, a apresentação da análise foi organizada em três tópicos: Criação e estrutura do projeto; Sobre as aulas de violão do projeto; A importância das aulas de violão no projeto. No primeiro tópico serão apresentados os dados históricos sobre a criação e a estrutura do projeto, bem como sobre seu funcionamento nos dias de hoje. No segundo, abordarei sobre a implementação e funcionamento das aulas de violão no projeto. Por fim, o último tópico irá tratar sobre a necessidade e o significado das aulas de violão dentro do projeto da Seção Bandas Escolares, Música e Dança.

4.1 CRIAÇÃO E ESTRUTURA DO PROJETO DA SBE

A contextualização do campo empírico dessa pesquisa, bem como a compreensão de como se deu a criação e qual a estrutura do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança (SBE), é de fundamental importância para o entendimento da pesquisa ao trazer informações que me levou a compreender sobre o ensino de violão dentro do projeto.

Assim, antes de trazer os dados específicos sobre o ensino de violão dentro do projeto da SBE, considero importante entender o contexto histórico de como surgiu o próprio projeto de bandas na cidade de João Pessoa, entender sua estrutura, quais são os projetos que estão vinculados à Seção de Bandas, quem são as pessoas que participam do projeto e a quem atende, bem como seu funcionamento nos dias de hoje, e com isso, fazer o fio condutor até compreender como o violão se inseriu na SBE.

Através das entrevistas foi possível entender que a criação do projeto de bandas surgiu da necessidade de se estabelecer uma conexão entre algumas poucas bandas marciais

escolares existentes na época, nesse período, a banda estava vinculada diretamente à escola ao qual pertencia, e atuava de forma independente. Foi então que em 1992 surgiu a Coordenação de Bandas Escolares com o objetivo de educar as crianças através da música, como mencionado pelo atual coordenador do projeto Rômulo Albuquerque: “*Então foi surgindo esse projeto a partir dessas bandas que já existiam, então houve interesse de fazer um projeto chamado Educar a Criança Através da Música, em 1992*” (Albuquerque, 2023, p. 2).

O projeto teve como seu primeiro coordenador Fenando Rufo, que foi também uma das pessoas envolvidas na criação do projeto junto com João Letício, que era o diretor da escola municipal Castro Alves, no qual a banda da escola era referência na cidade, considerada como *Banda Mãe*. Com isso, a Coordenação de Bandas, hoje SBE, iniciou suas atividades com a participação de onze bandas marciais, como afirma o coordenador: “[...] e o projeto acabou surgindo após isso, com a criação de onze bandas dentro das escolas municipais da prefeitura municipal de João Pessoa” (Albuquerque, 2023, p. 1).

A SBE ofereceu durante alguns anos às escolas municipais apenas o ensino de música através das bandas marciais. Entretanto, ao longo desses anos ocorreram diversas mudanças no projeto e a primeira foi quando os coreógrafos começaram a fazer parte das bandas com o ensino da dança, como afirma o coordenador: “*Mas no início do projeto mesmo não tinha coreógrafo, era regente e corregente, com o passar do tempo veio realmente a contribuição dos coreógrafos para a banda marcial na formação*” (Albuquerque, 2023, p. 4). Com isso, cada banda marcial passou a ter um professor de música e um professor de dança na escola.

Conforme os dados, outro ponto importante a respeito das bandas, que mostra também um pouco das mudanças que o projeto teve, é a respeito dos professores que participam da SBE e sua formação profissional e acadêmica. No início, muitos professores de música das bandas tinham formação acadêmica em educação física, com vivência no militarismo, e claro, com o conhecimento musical. Com a expansão do projeto, muitos ex-alunos das bandas se tornaram professores, ou seja, a vivência que tiveram nas bandas como alunos, lhes proporcionaram uma formação profissional que garantiu a alguns o emprego como professores de música. Muitos desses professores buscaram ampliar seus conhecimentos buscando escolas de música especializadas, cursos de extensão, e também o ensino superior, com cursos de bacharelado e licenciatura em música, especialização e mestrado, inclusive como uma necessidade do projeto, como afirma o coordenador:

[...] os tempos vão passando e a gente sabe da necessidade de estudar e buscar conhecimento, ir para a universidade, vai surgindo faculdades

particulares, então os profissionais também vão em busca do conhecimento, até para poder hoje se manter também dentro do próprio projeto (Albuquerque, 2023, p. 8).

Nessa fala percebemos que o projeto se alicerçou na formação profissional dos professores a partir do conhecimento empírico que adquiriram participando como alunos das bandas marciais. Conforme o tempo foi passando, por serem professores vinculados a SEDEC e lecionando na sala de aula da escola, surgiu a necessidade da formação acadêmica, como algo inerente a SBE.

Com isso, o projeto de bandas marciais se fortaleceu consideravelmente ao longo desses anos, e depois de um pouco mais de trinta anos a SBE quase quintuplicou a quantidade de bandas marciais nas escolas da cidade, atendendo cerca cinquenta por cento das escolas públicas do município, como afirma o coordenador: *“Hoje o projeto de bandas atende à 52 escolas da rede municipal de ensino com as bandas marciais”* (Albuquerque, 2023, p. 4).

De acordo com os dados coletados, depois dessa primeira fase da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança (SBE), apenas com bandas marciais com professores de música e dança, veio uma segunda fase com uma mudança de gestão, surgindo com isso, a necessidade de ampliar o ensino da música com outros projetos, como afirma o professor de violão do projeto da SBE Sérgio Messias: *“Ele foi sofrendo mudança de gestão mais ou menos em 2008, 2009, que teve a gestão de Júlio Rufo, onde Rômulo passou a ser o coordenador pedagógico e começou a implantar a educação musical nas escolas, nos CREIs¹”* (Messias, 2023, p. 1).

Assim, uma das atividades desenvolvidas e implementadas pelo projeto da SBE, foi o ensino de música nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), que, conforme Albuquerque (2023), surgiu do entendimento de que as crianças da primeira fase escolar também precisam aprender música na escola: *“[...] nós precisamos educar a criança através da música, mas também as crianças de zero a seis anos, e veio a educação musical [...]”* (Albuquerque, p. 5). O coordenador continua essa sua fala descrevendo os objetivos do projeto da educação musical na primeira infância e estratégias para a permanência do ensino de música nas escolas:

[...] que é ensinar música através do lúdico, através de um desenvolvimento sonoro, motor, cognitivo/motor, para que a gente pudesse usar a música como algo brincante, lúdico, de apreciação, para que as crianças saíssem da creche e quando fosse para a escola, ela se encontrar com os projetos

¹ Os CREIs (Centros de Referência em Educação Infantil), era como as escolas de educação infantil eram chamadas antigamente, hoje são chamadas de CMEI.

paralelos que tem na escola, a banda marcial que era mais forte (Albuquerque, 2023, p. 5).

Esse projeto de ensino de música nos CMEIs ganhou força dentro da SEDEC na época e foi agregado o ensino de artes e educação física, no qual atendia todas as unidades dos CMEIs no município. Entretanto houve uma mudança brusca no projeto, no final de 2019, com a demissão de cerca de 2/3 dos professores e o projeto de música na educação infantil precisou mudar sua característica, saindo das aulas regulares para a formação de um grupo musical para atender uma unidade diferente por dia, como afirma o coordenador: “*Antigamente ia um professor para cada creche, depois a gente passou a se reunir e fazer concertos didáticos para estar todo dia numa creche diferente*” (Albuquerque, 2023, p. 7).

Aproveitando esse gancho do grupo musical da educação infantil, e também para melhor conduzir o texto a fim de concluir no ensino do violão, irei abordar primeiro sobre os grupos musicais formados por professores do projeto. Conforme Albuquerque, a formação de grupos musicais, na realidade, já é um projeto antigo, desde a época em que a SBE tinha apenas o projeto das bandas marciais nas escolas, porém não se manteve. Foi apenas na nova gestão que os grupos musicais formados por professores se consolidaram. Nos dias de hoje a SBE possui três projetos principais de grupos musicais: a Banda Sinfônica, a Banda Marcial e o grupo musical da educação infantil.

A ideia dos grupos musicais formado por professores do projeto é centrado em duas premissas principais, concerto didático e troca de conhecimento entre os professores, como afirma o coordenador detalhando os objetivos e as motivações para a permanência dos grupos no projeto:

É porque eu queria que a gente voltasse para dentro da escola, tanto com a educação musical, como outros grupos, para que as crianças gostassem, vissem realmente formações de grupos em geral, e que passassem a gostar, por apreciar, e participar das atividades musicais da escola, naquele lance assim, se eu não conheço, eu não gosto (Albuquerque, 2023, p. 6).

A seguir, temos outro trecho que retoma os objetivos dos grupos musicais no projeto, e reafirma as motivações:

A ideia de ter formado grupos foi que a gente formasse para voltar para dentro da escola com um concerto didático, aproveitar a sapiência de cada professor, ou na Banda Marcial ou na Banda Sinfônica, para que o professor também estudasse, porque na realidade a gente tem a ideia de que quando nós estamos juntos, a gente compartilha conhecimento [...] é troca

de conhecimento para os professores e concerto didático para os alunos (Albuquerque, 2023, p. 7).

Conforme evidenciaram os dados, esses novos projetos surgiram da necessidade de expandir o ensino de música para além das bandas marciais, fortalecendo o próprio projeto e atendendo toda a educação básica, desde a educação infantil até o ensino fundamental 1 e 2, além é claro dos concertos didáticos com os grupos musicais formados por professores, que valorizam e incentivam a arte e a cultura. No próximo tópico irei conduzir ao foco deste trabalho que é sobre como o ensino de violão se inseriu no projeto da SBE.

4.2 AS AULAS DE VIOLÃO DO PROJETO

O ensino de violão na SBE não chegou sozinho no projeto, junto veio também o ensino da flauta doce e do cavaquinho, como cita o coordenador: *“Surgiu o violão, a flauta doce e o cavaquinho na época, entendeu, violão, flauta doce e cavaquinho. Depois entrou também a música popular, que aí vem com percussão, com instrumentos de forma geral”* (Albuquerque, 2023, p. 12). Com isso, como aponta os dados, o ensino de instrumentos musicais que não fazem parte da banda marcial, foi outro projeto que iniciou entre 2008 e 2009, após a mudança de gestão, quando Júlio Rufo assumiu a coordenação geral e Rômulo Albuquerque assumiu a coordenação pedagógica, como cita o professor Sérgio Messias:

O projeto teve essas demandas de diversificações de gestão e o projeto começou a mudar a cara dele justamente quando Rômulo Albuquerque assumiu e trouxe essa parte de educação musical, coral, flauta, violão, teclado, e outros, violinos, acho que tem até cordas também (Messias, 2023, p. 1-2).

De acordo com os dados, essa proposta de ensino de instrumentos musicais surgiu para atender a demanda de alunos que tinham vontade de aprender outros instrumentos diferentes da banda marcial, conforme cita o coordenador do projeto: *“[...] até alguns alunos das bandas marciais se interessavam pela flauta doce, pelo violão também, a gente vê que os alunos tinham, buscavam tocar outros instrumentos também”* (Albuquerque, 2023, p. 11).

Como mencionado na fala do coordenador, assim como outros instrumentos, o violão também era procurado pelos alunos, alguns queriam aprender música também a partir de outros instrumentos que não são da banda marcial, com isso, surgiu a necessidade do ensino de violão, nascendo assim a proposta desse ensino de música no projeto da SBE, conforme afirma o coordenador:

[...] até pela procura entendeu, porque sabe que o violão é um instrumento barato, um instrumento fácil de se tocar, quer dizer fácil né, Venâncio? (Risos). Mas, um instrumento mais prático, que você com dois ou três acordes canta muitas músicas, e muito popular também (Albuquerque, 2023, p. 11).

Dessa forma, o ensino de violão, junto com a flauta doce e o cavaquinho, que foi a proposta inicial do projeto, surgiu no mesmo período da mudança de gestão da SBE, conforme o professor Gutemberg, afirmando quando começou o ensino de violão no projeto: “2009 [...] foi quando eu entrei no projeto. Não tinha violão. Foi aí que iniciou a parte de educação musical infantil e a parte de violão, flautas e cavaquinho, o projeto é esse, flauta, violão e cavaquinho, e a educação musical nos CREIs, que agora são os CMEIs” (Gutemberg, 2023, p. 5).

Sendo assim, o objetivo da criação do projeto de ensino de violão, e conseqüentemente do ensino de flauta doce e cavaquinho, teve o mesmo objetivo da criação da educação musical infantil, para ampliar o ensino da música, como descrito pelo coordenador: “[...] foi com a mesma intenção da educação musical, para a gente abranger o ensino da música na rede, porque a gente entende que não é só banda marcial, música ela é muito aberta, muito gigante” (Albuquerque, 2023, p. 11).

Afunilando para o ensino de violão, que é o foco deste trabalho, e buscando alcançar seu objetivo, acredito ser importante fazer um destaque em relação ao quadro de professores de violão, tanto os ativos quanto os inativos, e onde atuam e atuaram esses professores, além disso, destacar as escolas que trabalham e trabalharam, fazendo uma análise comparativa.

De acordo com os dados coletados, o primeiro professor de violão contratado pela SBE foi Luiz Gutemberg, um dos entrevistados neste trabalho. O professor é bacharel em música pela UFPB, com habilitação em violão. Possui quase 15 anos de trajetória como professor de violão da SBE, e relata como ocorreu sua entrada no projeto:

Essa iniciativa partiu de Rômulo através de um convite. Eu já conhecia Rômulo desde as aulas da UFPB, no curso de música e a gente já vinha trabalhando na escola Toque de Vida, lá ele era professor também. E ele me convidou para fazer parte desse projeto em 2009, então estou lá na faixa de 15 anos trabalhando nessa área, tendo o violão como um estímulo para sociedade (Gutemberg, 2023, p. 1).

Além disso, o professor participa também de grupos musicais formados por professores, segundo seu próprio relato:

[...] eu participo de outros projetos dentro da prefeitura como a orquestra SEDEC Band, que é um antigo formato chamado de Big Band, e outros grupos como Duo, voz e violão e choro também, a gente tinha um grupo de choro dentro da prefeitura, e tantos outros grupos dentro da prefeitura, não é só o ensino do violão nas escolas, eu participo de outros grupos na prefeitura (Gutemberg, 2023, p. 1).

Conforme Albuquerque (2023), quando surgiu o ensino de violão no projeto foi contratado apenas um professor, com isso, a distribuição da sua carga horária foi pensada para três escolas que fossem em dois locais extremos da cidade, ou seja, em dois polos, para melhor atender a comunidade, como afirma: “[...] então a gente pensou em deixar assim, nos extremos, para poder ter mais acesso” (Albuquerque, 2023, p. 13). O coordenador relata ainda quais foram as escolas que se beneficiaram com as aulas de violão no período de sua criação no projeto:

No início ela surgiu em escolas por polo, porque na realidade a prefeitura divide as escolas por regiões. Então uma ficou na escola municipal de educação básica A², a outra escola ficou no extremo da cidade, que ficou na escola municipal de educação básica B e na escola municipal de educação básica C, que pega o Gervásio Maia, essas três escolas (Albuquerque, 2023, p. 12).

Dando um certo salto na cronologia das aulas de violão do professor Gutemberg, gostaria de fazer um comparativo dessa citação do coordenador com a fala do professor em relação às escolas que trabalhou no início do projeto e as escolas que trabalha hoje em dia. Percebe-se que pouco mudou, pois duas das três escolas que começou ainda permanece, passou apenas por mais uma, e esse ano foi para uma outra escola, segundo seu relato:

Atualmente eu estou trabalhando em três escolas, que é a escola municipal de educação básica C, que eu não sei se é Colinas do Sul, Gervásio Maia, [...] trabalho também na escola municipal de educação básica D hoje, foi uma escola a mais para esse ano, e na escola municipal de educação básica A, mas já trabalhei também na escola municipal de educação básica E (Gutemberg, 2023, p. 2).

De acordo com os dados, o próximo professor de violão a assumir o cargo foi por volta de 2011 ou 2012, com o professor Sérgio Messias, no qual possui uma trajetória como professor de violão dentro do projeto da SBE bem diferente do primeiro professor entrevistado. O professor Sérgio Messias está no projeto desde sua criação e começou como professor das bandas marciais, como afirma o próprio professor: “Sou fundador do projeto

² As escolas estão sendo descritas por códigos, pois não pegamos autorização para o uso dos nomes das escolas especificadas.

desde 92” (Messias, 2023, p. 2). Além disso, o professor participa do projeto de grupos musicais formado por professores, como afirma: “*No caso eu também sou integrante da orquestra SEDEC com o maestro Chiquito, toco saxofone lá*” (Messias, 2023, p. 2).

Entretanto, como o professor possui conhecimento na área de cordas dedilhadas, por três vezes em momentos e escolas distintas, assumiu o cargo de professor de violão e outros instrumentos que não são de bandas marciais, por um curto período de tempo, como afirma o próprio professor: “[...] *escola municipal de educação básica F e escola municipal de educação básica G, era justamente as duas escolas que eu trabalhava, uma era oficina de violão e a outra era oficina de saxofone [...] isso foi mais ou menos 2011, por aí. 2011 para 2012 por aí*” (Messias, 2023, p. 2-3). A seguir o professor fala por quanto tempo ministrou as aulas de violão na escola e cita que por volta de 2014 ou 2015, pela segunda vez, atuou como professor desse instrumento:

Foi em média, assim, acho que meses, seis a oito meses por aí, nessa faixa. Sim, ainda trabalhei na escola municipal de educação básica H também por meados de 2014 para 2015 e lá também era para ser banda marcial, mas como não tinha os instrumentos, não estavam aptos, teve umas problemáticas lá, e eu fiquei fazendo aula de violão com as crianças no período de seis meses também, nessa média. Mas não evoluiu muito não, foi uma coisa básica, até porque a escola lá, assim, tinha muitos conflitos sociais e era muito difícil trazer os alunos para a aula (Messias, 2023, p. 3).

Cabe destacar nessa fala do professor o motivo pelo qual iniciou com o ensino de violão nessa segunda escola, onde a intenção era a banda marcial, e como não havia estrutura física para tal, o violão foi inserido por sua facilidade. Como o professor mencionou na terceira linha da citação, onde relata que nessa escola que lecionou era para ser banda marcial também, essa fala sugere que na primeira escola que lecionou em 2011 o motivo tenha sido o mesmo. Isso nos traz a uma reflexão prévia sobre a importância das aulas violão no projeto, pois as aulas de violão nas duas ocasiões não era o planejado. Outra reflexão que acredito que seja importante de ser feita nessa citação do professor, é em relação ao período que duraram as aulas nas escolas, ambas com apenas seis a oito meses, ou seja, uma permanência muito curta do ensino de violão, não mostrando a importância das aulas no projeto.

Os dados apontam que nessa terceira e última vez que assumiu novamente o cargo de professor de violão, teve algumas características diferentes das vezes anteriores. Dessa vez, a iniciativa partiu da SBE, como afirma o professor: “*Aqui esse projeto começou esse ano por uma iniciativa da Seção de Bandas*” (Messias, 2023, p. 3). Outra característica importante é

que dessa vez o professor está lecionando outros instrumentos que não são de bandas marciais além do violão na mesma escola, conforme Messias:

Aqui na escola leciono flauta doce, violão, cavaquinho e canto coral, mas atualmente o cavaquinho não está funcionando devido a questão dos instrumentos que não tem conforto, aí os alunos sofrem muito e a gente decidiu esperar chegar outros instrumentos melhores para poder dar continuidade (Messias, 2023, p. 2).

De acordo com Albuquerque (2023), o terceiro professor de violão que surgiu no projeto foi por volta de 2015 e o identificarei por PROFESSOR C³. Ele permaneceu no projeto por cinco anos em média, conforme cita o coordenador: “*Nós tivemos na época o PROFESSOR C, que era o professor da escola municipal de educação básica I, que é violonista também, é guitarrista*” (Albuquerque, 2023, p. 14). Como o professor não está mais ativo no projeto e com isso, não foi entrevistado, os dados coletados não trazem muitas informações a respeito de sua permanência na SBE, entretanto, lecionou apenas violão no projeto e esse professor tinha formação em bacharelado em música pela UFPB, com habilitação em violão.

Segundo o coordenador, eu fui o quarto e último professor de violão a assumir o cargo no projeto da SBE. Entretanto, fui contratado inicialmente para atuar na educação musical infantil, no qual participo desde 2012, como citado na introdução deste trabalho, e iniciei no projeto de ensino de violão no final de 2021 na escola municipal de educação básica J, como cita Albuquerque: “*e Venâncio de Paula, este que está aqui na minha frente falando, (risos) que é professor justamente da escola municipal de educação básica J*” (Albuquerque, 2023, p. 14). Como professor de instrumento, leciono apenas violão no projeto, além de participar do grupo musical da educação infantil. Cabe destacar que minha formação também é em bacharelado em música pela UFPB, com habilitação em violão.

Um ponto importante de ser analisado é entender como se deu a contratação dos professores de violão da SBE. Se referindo aos dois últimos professores de violão contratados, o coordenador do projeto fez o seguinte destaque:

Quando esses professores surgiram [...] foi de oportunidades que surgiram de a gente ampliar a quantidade de professores, a capacidade. Porque na realidade quando você entrou, você não entrou para ser professor de violão, você entrou para a educação musical, com o tempo surgiu a necessidade de criar a escola de música na escola municipal de educação básica J,

³ Esse professor foi deixado no anonimato pelo fato de não ter sido entrevistado e com isso não foi solicitado autorização para uso do seu nome pessoal.

então eu disse, olha, eu tenho um professor de violão, então eu vou botar a cadeira de violão lá (Albuquerque, 2023, p. 15).

O que podemos analisar a partir da contratação desses quatro professores de violão que passaram pela SBE é que não houve uma constância nas contratações. Quando o projeto começou foi apenas com um professor de violão, e apenas alguns anos depois o segundo professor assumiu o ensino de violão na escola por não ter instrumentos de banda marcial adequados. Já o terceiro e quarto professores foram contratados a partir de oportunidades que surgiram e todos com um período de anos de diferença entre as contratações. Diante disso, a análise leva a conclusão de que não houve uma frente de ampliação do projeto de ensino de violão dentro da SBE, nem com a ampliação de escolas e conseqüentemente, nem com a contratação de mais profissionais, mesmo havendo uma demanda considerada por parte dos alunos, como afirma o coordenador do projeto:

Olha de todas elas entendeu a procura realmente está sendo grande, porque da última vez que eu conversei com o Gutemberg, que a gente fez uma breve reunião, então os alunos têm procurado bastante o violão, principalmente agora nessa escola municipal de educação básica D, que está no início mesmo, então tem muito aluno que quer participar das aulas de violão. [...] na escola municipal de educação básica também J é da mesma forma, a procura da escola é muito grande, porque é como eu te disse, quanto mais popular o violão, o instrumento em si, a procura também é grande. [...] outras escolas, justamente, já procuraram também a introdução do ensino do violão dentro da escola (Albuquerque, 2023, p. 16).

Como afirmou o coordenador, a procura pelo curso de violão é significativa, tanto nas escolas em que o ensino é oferecido, como em outras escolas, mostrando a importância de ampliar o projeto. De acordo com os dados, quando o coordenador foi perguntado sobre uma possível ampliação, afirmou que está conseguindo aberturas junto à SEDEC do município justamente em busca dessa ampliação.

Diante disso, na SBE hoje possui apenas três professores de violão, sendo que um deles leciona também outros instrumentos na escola, um quantitativo ainda muito tímido em relação ao tamanho da SBE. Entretanto, o acesso ao projeto de ensino de violão, a partir da SBE, vem aos poucos ampliando nas escolas municipais da cidade de João Pessoa.

Afunilando ainda mais no trabalho, acredito ser importante compreender como acontece o ensino de violão nessas escolas que se beneficiam do projeto, a partir da experiência dos dois professores entrevistados. Sendo assim, começo abordando como o ensino de violão é recebido nas escolas a partir da fala de um dos entrevistados:

O projeto em si é bem recebido através dos diretores, porque é uma maneira de despertar a parte artística e humanística de cada aluno, porque através da arte em si você desperta um lado emocional e criativo. Às vezes você tira um aluno de situações carregadas, teve um aluno que era chefe dessas facções, e hoje ele dá aula de violão, hoje trabalha, então a arte mudou a história, a vida, esse rumo desse aluno (Gutemberg, 2023, p. 3).

Na sua fala, o professor deixa claro a aceitação do projeto nas escolas em que trabalha, como uma oportunidade de ampliação do conhecimento e um início de uma possível trajetória profissional. Entretanto, ao nos deparamos com o local onde acontece as aulas dentro das escolas, nem sempre essa realidade se reflete, pois como cita o próprio professor, não são todas as escolas que dispõem de uma sala para as aulas de violão, precisando se acomodar onde é possível para que o ensino ocorra, segundo o professor:

Espaço físico, eis a questão! (Risos). A gente tem que fazer acontecer o projeto, então tem escola que não tem um local específico para você ministrar essa aula, às vezes é no pátio, às vezes é debaixo de uma árvore. Só nessa escola que entrei nesse ano, a escola municipal de educação básica D, que existe um local reservado para aula de violão, quando tem é uma maravilha, quando não tem a gente procura um espaço para acontecer essas aulas (Gutemberg, 2023, p. 2-3).

Em contrapartida, o professor Sérgio Messias relata que tem uma sala de música em sua escola, que na realidade é a sala da banda marcial, e o professor de violão divide esse espaço com o professor da banda, conforme relata o professor: “*Tem uma sala aqui ao lado, a sala da banda, que eu divido com o professor da banda, com o professor X, como eu trabalho no contraturno, aí fica tranquilo, ele trabalha entre os horários, no meio turno*” (Messias, 2023, p. 3). Diante disso, gostaria de esclarecer que considero interessante a proposta de aulas em ambientes fora da sala de aula, entretanto, não todas aulas, com cada aula em um local diferente, isso demonstra certa falta de comprometimento com a área de música.

Nos referindo agora aos participantes das aulas de violão, outro apontamento importante é entendermos quem são esses participantes e como eles ingressam no curso, além de entendermos como é feita a organização dessas aulas.

De acordo com os dados, os participantes são na sua grande maioria alunos da própria escola, porém há casos em que o projeto acolhe pessoas da comunidade, filhos de funcionários e ex-alunos, como afirma um dos entrevistados: “*O projeto em si era para alunos das escolas, só que foi ampliado para a comunidade em si, então hoje a gente recebe alguns alunos que são filhos de funcionários e a comunidade*” (Gutemberg, 2023, p. 5).

Os dados mostram que o processo de ingresso dos participantes nas aulas de violão é similar para ambos os professores, no geral as aulas acontecem no contraturno escolar, onde os professores passam nas salas de aula apresentando o curso de violão e convidando esses alunos para participarem das aulas. Em ambos os casos, dos dois professores, é emitido um termo de autorização, no qual deve ser assinado pelo responsável, como afirma um dos entrevistados:

Eu passo nas salas, faço o convite sobre as aulas, aula de violão em específico, passo, converso com eles, explico como vai funcionar as aulas, aí a gente faz uma carta convite, um comunicado para os pais, para poder autorizar os alunos a participarem, porque é tudo no contra turno (Messias, 2023, p. 8).

Já em relação à organização das turmas, os dados também apontam similaridade na quantidade de alunos por turma, como aponta o professor Messias: “[...] *uma média de 5 ou 6 alunos por turma. Uma aula por semana [...]*” (Messias, 2023, p. 8). Porém diferem na duração das aulas, sendo que a duração das aulas do professor Messias é quase o dobro do professor Gutemberg. Como afirma o professor Gutemberg: “[...] *cada aula 50 minutos*” (Gutemberg, 2023, p. 6). Já o professor Messias afirma: “[...] *em média de uma hora e meia de aula para cada [...]*” (Messias, 2023, p. 8). Essa diferença na duração das aulas mostra certo desalinhamento na área em busca de como melhor aproveitar o horário das aulas.

4.2.1 Aspectos pedagógicos adotados pelos professores entrevistados

Já se aproximando do fim dessa parte sobre as aulas de violão, aponto para a importância de analisar as ações pedagógicas adotadas pelos dois professores entrevistados em suas aulas. É importante ressaltar que não foi possível de ser feita as observações nas aulas, com isso a coleta dos dados é baseada apenas nas entrevistas, como citado na metodologia deste trabalho.

Como apontam os dados, a metodologia de ambos os professores se baseia inicialmente através da transmissão oral, onde o professor demonstra aos alunos o que eles devem aprender e conseqüentemente os alunos irão repetir sistematicamente, aprimorando aos poucos o ensinamento adquirido, como citado por um dos entrevistados: “[...] *eu adotei esse método que você ia tocar e o aluno repetia, então a gente adota mais voltado para a música popular, no abranger total*” (Gutemberg, 2023, p. 6). Assim como relata também o outro professor entrevistado, se referindo ao estudo progressivo dos acordes: “[...] *eu vejo que já*

daqui a alguns meses eles já vão conseguir tocar pelo menos uma música com três, quatro acordes” (Messias, 2023, p. 9).

Em se tratando da rotina das aulas a partir da repetição, o professor Gutemberg (2023) afirma se basear na metodologia Suzuki:

O método que eu passo com os alunos é o método Suzuki [...] no primeiro dia de aula não coloco nem aqueles informes do acorde, eu monto o acorde, ele vê e tenta reproduzir no instrumento, não tem nada de papel, a maioria das aulas são práticas. A teoria musical no primeiro momento, não. Agora caso ele queira se aprofundar, aí eu indico a escola de música para que ele possa aperfeiçoar os conhecimentos (Gutemberg, 2023, p. 6).

Entretanto em relação ao uso da metodologia Suzuki, a partir dessa sua fala, o professor demonstra utilizar apenas parte da filosofia do autor, se atendo mais à questão da repetição e iniciando a teoria musical apenas num segundo momento.

Por sua vez, Messias (2023) em sua entrevista, expõe um pouco da rotina das suas aulas de violão se referindo a alguns conteúdos estudados, vale salientar que de acordo com os dados, o professor trabalha com o ensino fundamental 1:

A gente trabalha o básico, que a gente sabe que em termos de potencial dos alunos e do conhecimento, até pela faixa etária, então a gente trabalha, faz aquela apresentação do violão, mostrando a anatomia do violão, mostrando a questão do uso das mãos, questão da numeração dos dedos, mão esquerda, mão direita, a função dos dedos, mostrando como se faz uma batida, um dedilhado, a questão do acompanhamento dos acordes, tudo de forma bem simples, nada muito rebuscado, porque para o entendimento das crianças tem que ser uma linguagem bem simples (Messias, 2023, p. 9).

O planejamento das aulas é outro ponto que considero importante de ser abordado. De acordo com o professor entrevistado, suas aulas já têm um roteiro discriminado e só é mutável caso tenha na turma algum aluno com deficiência, como relata o professor:

O planejamento já está tudo discriminado, já tenho um roteiro, só poderá mudar caso aconteça no grupo alguém com transtorno, de alunos com transtornos, então tem que mudar, o andamento é outro, então já vai ser específico para aquele aluno. Como uma vez, eu recebi um aluno sem um dedo, tive que modificar a formação de acorde, tudo, a maneira de tocar tinha que ser outra, então eu tive que mudar, adaptar, fazer adaptação e nada de exclusão. Então eu recebo todos, teve um caso agora que vi que o aluno foi detectado como deficiente mental, mas no primeiro dia de aula ele tocou, então a gente vai ajustando de acordo com o grupo (Gutemberg, 2023, p. 7).

Esse ponto citado pelo professor considero importante de ser analisado, visto que o planejamento deve levar em consideração as especificidades da escola, das turmas e dos alunos, como apontado na BNCC que fala da necessidade de:

Selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc (Brasil, 2018, p. 17).

Conforme Messias (2023), seu planejamento é elaborado a partir da organização de um material didático, no qual seleciona algumas apostilas baixadas da internet, estruturando o material de acordo com a necessidade das aulas e da faixa etária das crianças, como afirma:

Geralmente, pela lógica do potencial das crianças, como eu te falei, eu faço uma organização em cima dessas apostilas que a gente pega, porque às vezes você baixa um método muito técnico para uma criança. Aí eu pego essas apostilas, eu organizo a parte de acordes, parte de batidas, as canções, mostro as cifras para eles conhecerem, explicando cifras, acorde maior, acorde menor, acorde com sétima menor, que são os acordes básicos (Messias, 2023, p. 9-10).

Ainda sobre o material didático utilizado, Gutemberg (2023) relata utilizar também algumas apostilas de suporte nas aulas, como por exemplo o material desenvolvido através da parceria entre mim e o professor Gutemberg na construção de uma série de apostilas elaboradas como apoio para vídeo aulas gravadas por mim pela emissora *TV Cidade* da prefeitura local durante a pandemia, como afirma o professor:

As aulas em si hoje estou utilizando aquele material que foi desenvolvido, fora isso tem outros materiais em casa, fora as cifras, e a melodia da música, tem backing tracks ou Play along, [...] e às vezes tem os vídeos, as vezes do YouTube mesmo que a gente passa em sala de aula para ver como é que é tocar a música, eu utilizo muito essa parte tecnológica (Gutemberg, 2023, p. 7-8).

De acordo com os dados, ambos os professores afirmaram utilizar também recursos tecnológicos como suporte para as aulas, entretanto, nas suas falas se ativeram mais ao uso do YouTube, como relata um dos entrevistados: “*A gente usa vídeos também no YouTube mostrando*” (Messias, 2023, p. 10). Nesse caso, utilizando esses vídeos tanto para demonstrar as músicas, como para utilizar backing tracks para estudos.

Conforme os dados coletados, a seleção de repertório de ambos os professores mostrou semelhanças, onde inicialmente trazem suas propostas de músicas, e com o

desenvolvimento dos alunos, vão incluindo as sugestões de repertório das turmas, como citado por um dos entrevistados:

No começo eu exponho as minhas músicas progressivas e até utilizo aqueles materiais que fizemos durante a pandemia, que são as músicas mais elementares, com menos acordes, e acordes mais fáceis de execução. Então, primeiro eu lanço as músicas que eu tenho para que ele possa ir progredindo, depois ele vem com as que ele almeja tocar, no caso dê para encaixar, a gente encaixa para que ele possa executar a música que ele quer, a solução mais prática menos teoria (Gutemberg, 2023, p. 7).

Assim como citado também por Messias (2023), ao se referir da seleção do repertório utilizado em suas aulas de instrumento: “[...] e com relação a repertório eu busco o mais simples possível, tipo cantigas de roda, são coisas que está no cotidiano deles, apesar de que com os alunos do quinto ano eles já querem cantar algo diferente, então a gente ainda está num processo de formação [...]” (Messias, 2023, p. 9). A partir dessa citação do professor Messias, é possível perceber que o professor tem a atenção necessária para com o convívio social e afetivo no qual as crianças estão inseridas, tendo o cuidado de proporcionar o repertório adequado para a faixa etária, além de estar atento ao que os alunos trazem das suas vivências musicais.

De acordo com os dados coletados, um outro ponto em comum entre os dois professores é a forma de avaliação do desenvolvimento dos alunos a cada aula, como afirma Messias: “[...] a avaliação em si que a gente faz é o dia a dia mesmo tocando, eu nunca coloco a avaliação, acho que fica muito pesado para o aluno” (Messias, 2023, p. 11-12). Apenas com uma pequena diferença para o professor Gutemberg, que propõe algumas gravações:

Existe o acompanhamento dos alunos, uns desenvolvem mais, outros menos, não existe avaliação, a avaliação é automática, a gente passa uma música e o objetivo é na outra aula tentar gravar um vídeo, então esse vídeo já dá para saber como é que está o andamento dos alunos (Gutemberg, 2023, p. 8).

Essa forma de avaliação dos professores mostra a preocupação diária no desenvolvimento dos alunos interpretando suas realidades, e a partir desse conhecimento, construindo métodos e técnicas que os auxiliem na direção de uma pedagogia libertadora. E para isso, devemos considerar as experiências de vida que o aluno traz.

4.2.2 Desafios, vantagens e desvantagens

Encerrando o tópico sobre o ensino de violão no projeto, aponto para os desafios, vantagens e desvantagens percebidos pelos entrevistados a partir de suas experiências nesse ensino através da SBE. Em se tratando dos desafios encontrados, os dados apontam que as dificuldades percebidas pelos professores também são muito próximas, em principal mencionaram da má qualidade dos instrumentos e falta de material de reposição, além do espaço físico inadequado para as aulas de violão, como afirma um dos entrevistados:

Os desafios são a parte de estrutura em si e de material, que às vezes para acontecer o projeto eu tenho que me virar para que possa acontecer, é uma corda que está faltando, uma tarraxa que não está no lugar, manutenção preventiva, então tudo isso se for depender da instituição não tem condições, o projeto não anda, então a gente tem que fazer acontecer [...] às vezes é um lugar que não tem para dar aula, às vezes em baixo de uma árvore, no pátio com a zoada, então a gente tem que conviver com isso (Gutemberg, 2023, p. 8).

Nesse mesmo sentido, o professor Messias (2023) relata também os desafios que percebe na escola em que trabalha, como aponta o professor:

A maior dificuldade que eu percebo é dentro da qualidade do material, visando a parte de instrumentos que não são tão bons, e a questão do espaço físico. A nossa sala é da banda, e ela é cheia de instrumentos da banda e às vezes tem momentos que está um pouco complicado a sala, então o espaço físico que não é pensado para a música também, que é uma sala normal que colocaram os instrumentos, a gente não tem aquele espaço específico para a música, uma sala com acústica que dê pra gente trabalhar sem que interfira em outras salas, que muitas vezes quando estou dando aula de flauta, a professora da sala ao lado se incomoda um pouco, é porque o som vasa, a sala não tem tratamento acústico (Messias, 2023, p. 12).

Esses desafios apresentados pelos professores também são algumas das dificuldades apontadas na literatura, como apontado por Gurgel (2014), onde descreve os desafios enfrentados pelos professores e as realizações decorrentes das práticas do Ensino Coletivo de Instrumento Musical nas Escolas Parque de Brasília. No caso dos professores de violão da SBE, eles apontam principalmente para a falta de material de reposição, além de muitas vezes não terem um local adequado para as aulas. Algumas dessas queixas são comuns a professores de escolas de Educação Básica, portanto não são questões exclusivas dessas escolas.

Outra questão que considero importante trazer, como já mencionado, é em relação ao que os dados apontam sobre as vantagens e desvantagens que os entrevistados percebem no

ensino de violão nas escolas a partir do projeto da SBE. Novamente, os entrevistados têm uma visão próxima em alguns aspectos e outros diferentes, o coordenador e o professor Messias relatam que não enxergam desvantagens no ensino, como aponta Albuquerque:

Eu não vejo desvantagem no ensino, porque não dá para a gente pensar em desvantagem quando a gente ensina, e ensina com qualidade por ter profissionais qualificados no ensino, então ele vai trazer resultado de alguma forma não tem como [...] eu vejo que não tem parte negativa no ensino, quando a gente ensina, tem alguém aprendendo e se tem alguém aprendendo, tem alguém desenvolvendo, então há desenvolvimento do ser humano (Albuquerque, 2023, p. 18).

Entretanto o professor Gutemberg (2023) relatou perceber uma desvantagem no ensino de violão nas escolas, de acordo com o professor, alguns alunos por não terem violão em casa, demoram um pouco mais a desenvolver no instrumento, como relata o professor:

Agora assim, existe o violão dentro da escola, tem aluno que não tem condições, são de periferia, não tem um instrumento dentro de casa, então o processo de aprendizagem demora um pouco, ele só tem um contato com instrumento ali, isso é uma desvantagem, eu não posso reclamar e nem excluir, nem receber só aqueles que tenham instrumento, eu abraço todos” (Gutemberg, 2023, p. 9).

Esse relato do professor Gutemberg é umas das desvantagens apontada por Ana Cristina Tourinho: “As desvantagens que aponto se referem à dificuldade de administrar diferenças individuais de aprendizagem, inclusive de temperamento e gosto musical, disciplina, assiduidade, pontualidade e estudo em casa” (Tourinho, 2010, p. 87). Nesse sentido, a fala do professor se relaciona com o que traz Tourinho (2010) quando menciona a dificuldade de administrar diferenças individuais de aprendizagem, dessa forma, o professor ao perceber essas diferenças busca por alternativas para solucionar essas deficiências, valorizando o que o aluno traz. Apesar dessa percepção, através desse dado o professor não demonstra conhecimento das desvantagens apontadas por Tourinho e conseqüentemente das metodologias do ECIM e do ECV.

Já em relação as vantagens percebidas pelos entrevistados, houve abordagens diversificadas. O coordenador aponta para vantagens mais gerais em torno da música e do ensino da música num contexto coletivo, contribuindo para o desenvolvimento humano. Albuquerque traz essa reflexão através da perspectiva do aluno ao se referir sobre essas vantagens:

[...] a vantagem é, eu estou aprendendo violão, a vantagem é, eu estou aprendendo com um grupo de amigos, coletivo, a vantagem é, eu estou escutando um som de um instrumento, a vantagem é, estou exercitando, a vantagem é, eu estou aprendendo, então a vantagem é o ensino do violão, que ele é vantajoso para aprendizagem e desenvolvimento de qualquer ser humano (Albuquerque, 2023, p. 19).

Da mesma forma, o professor Messias (2023) também aponta para as vantagens mais gerais da música, mas a partir de uma outra percepção, se atendo principalmente aos ganhos extras musicais, como por exemplo a contribuição da música na construção da cidadania e também os ganhos na socialização dos participantes, como cita o professor:

A música ela está aí para salvar, ela está aí para construir, construir mais amor, um ser humano mais bacana, então eu vejo só coisas positivas [...] na escola ele se vê acolhido, ele vê que aquela atividade que ele faz no violão, na flauta, na banda marcial, aquilo ali faz o diferencial na vida dele, que ele fica rezando para chegar na aula de flauta, rezando para chegar na banda marcial, na aula de violão, aula de cavaquinho, então eu vejo por aí com esse viés (Messias, 2023, p. 13).

Já o professor Gutemberg (2023) traz uma visão voltada principalmente para as vantagens do violão e suas características enquanto instrumento e como função social, como traz o relato do professor:

O violão é um instrumento muito popular hoje e antigamente. É um instrumento mais acessível, na qual você pode levar para qualquer canto [...] O violão é um instrumento maravilhoso, ele muda o ser humano, ele molda o ser humano, é um instrumento completo onde você pode fazer melodias, harmonia, ritmo [...] você pode tocar do clássico ao jazz, samba, tudo (Gutemberg, 2023, p. 9).

Esses apontamentos a respeito das vantagens do ensino de violão a partir da SBE percebidas pelos entrevistados, foram abordagens mais gerais em torno da música e seu ensino ou até as vantagens do violão e suas características como instrumento musical. Tais observações mostram visões de mundo diferenciadas, entretanto mostram um ponto em comum entre os entrevistados, que é o da transformação, seja para ajudar no desenvolvimento de seres humanos mais preparadas para a vida ou mais preparadas no próprio violão, valorizando o papel da música na sociedade e da educação em geral. Nesse ponto considero importante destacar que nenhum dos entrevistados mencionou de forma direta a respeito das vantagens pedagógicas que o ensino coletivo de instrumento musical pode oferecer, como apontado por Cruvinel:

Foram constatados os seguintes aspectos relacionados a essa prática pedagógica: maior estímulo e rendimento, aspecto lúdico, economia de esforço do professor, mudança de atitude do professor e dos alunos, interação social e democratização do ensino musical e transformação social (Cruvinel, 2009, p. 74).

Até houve alguns destaques por parte dos entrevistados a respeito das vantagens pedagógicas, porém citado de forma isolada, como por exemplo a interação social e a transformação social. Nesse sentido podemos perceber que não há conhecimento por parte dos entrevistados sobre a metodologia do Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ECIM) que vem sendo desenvolvida e implementada nas escolas há certo tempo por diversos autores.

4.3 A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE VIOLÃO NO PROJETO

Para compreender a importância das aulas de violão no projeto da SBE, considero relevante aprofundar na análise de toda essa trajetória do ensino do violão desde seu surgimento até os dias de hoje, trajetória na qual já foi detalhada no tópico anterior com alguma análise.

Nesse sentido, cabe um destaque inicial ao caráter do surgimento do ensino de violão, bem como o ensino de flauta e cavaquinho, em comparação com o surgimento da educação musical infantil, que foi o primeiro projeto de ampliação do ensino da música para além das bandas marciais dentro da SBE. No caso da educação musical infantil, a iniciativa do surgimento partiu da própria SBE junto aos seus diretores e coordenadores da época, já o ensino de instrumentos musicais que não são da banda marcial, a iniciativa partiu também da SBE, entretanto foi a partir da demanda dos alunos por esses outros instrumentos que pediam essa inclusão. Diante disso, percebemos que foi preciso que os alunos demonstrassem o interesse por outros instrumentos para que a SBE pudesse tomar a iniciativa da inclusão do projeto, indicando que a própria SBE não estava percebendo a importância dessa demanda.

Outra análise que precisa de mais acuidade é em relação ao quadro de professores de violão que já passaram pelo projeto da SBE. Como já previamente analisado, quando o ensino de violão surgiu no projeto, apenas um professor foi contratado. O segundo professor surgiu por volta de dois ou três anos depois e mesmo assim assumiu o cargo por não ter instrumentos de banda marcial na escola, tendo baixa permanência, por volta de 6 a 8 meses, demonstrando que o professor iniciou o ensino do violão apenas como um *quebra galho*, deixando claro a falta de importância dada ao ensino desse instrumento musical na época. O terceiro e quarto professores de violão surgiram também com alguns anos de diferença entre as contratações,

que como citado no tópico anterior, indica que não houve constância entre essas contratações, demonstrando também que ao longo dos anos o ensino de violão na SBE não conseguiu avançar muito em relação ao tanto que há espaço para crescimento dessa metodologia de ensino de música, pois há uma grande demanda nas escolas municipais por esse ensino.

Mais um ponto importante que precisa de uma análise mais cuidadosa é entender como acontece o ensino de violão nas escolas, e para isso são necessários alguns apontamentos. O primeiro é entender que o projeto é bem recebido nas escolas e comunidades, entretanto nem sempre há um espaço físico adequado para aulas, necessitando que o professor sempre leccione em um espaço diferente dentro da escola, e isso sem dúvidas demonstra a falta de comprometimento de algumas escolas perante a área de música. Já em relação a organização, como o ingresso dos participantes e a distribuição das turmas, os dois professores entrevistados têm abordagens parecidas, entretanto a carga horária das aulas é bem diferente, um professor leciona uma aula semanal de cinquenta minutos e o outro professor uma aula semanal de uma hora e trinta minutos, demonstrando uma diferença considerável de horário entre os professores. Nesse ponto, considero importante ressaltar que não há convergência com o que traz a literatura sobre os aspectos pedagógicos do Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) na Educação Básica a respeito desse aspecto da carga horária, como citado por Cruvinel:

12) Carga horária e duração: este é um elementíssimo para que as aulas de ECIM mantenham o resultado esperado. Variadas são as opiniões dos educadores musicais sobre a carga horária ideal, que pode ter, no mínimo, 3 horas semanais distribuídas em duas aulas de 1h e 30 minutos às aulas diárias, como é usual em Bandas Musicais. Geralmente a duração da iniciação instrumental coletiva é de três a quatro semestres; depois desse período, o aluno deverá prosseguir seus estudos com aulas individuais (Cruvinel, 2009, p. 78).

Diante disso, a escolha de carga horária dos professores nos remete a duas conclusões, primeiro que não há uma frente para coordenar esse ensino, cabendo ao professor decidir sua própria carga horária e duração das aulas, e segundo que a área não tem conhecimento sobre a metodologia do ECIM adotada por diversos autores, sendo consolidada ao longo dos anos.

A análise dos aspectos pedagógicos adotado pelos professores requer, na minha opinião uma atenção a mais, entretanto é importante reafirmar que não foi possível fazer as observações das aulas para uma análise mais detalhada, a coleta dos dados foi feita apenas através da entrevista. Como já citado no tópico anterior, os professores adotam metodologias semelhantes através da transmissão oral e da repetição fazendo o aprimoramento de forma

gradativa, demonstrando a valorização do ensino prático desde o começo. Contudo, o professor Gutemberg citou utilizar a metodologia Suzuki, mas quando analisamos sua fala, percebemos apenas parte da filosofia Suzuki é utilizado, se atendo mais a parte da repetição. Já o professor Messias não citou nenhuma referência, demonstrando não conhecer nenhum dos autores dos métodos ativos para música. Nesse ponto percebemos também que nenhum dos professores têm conhecimento dos autores que falam sobre ECIM e ECV.

Ao analisar como os professores planejam suas aulas, pude perceber que há organização e cuidado na elaboração das aulas, mostrando que há uma sistematização do ensino, e que estão preocupados com as necessidades de cada grupo e de cada aluno, visto que a vida e os momentos sociais estão em constante mudança. Com isso, o ato de planejar deve estar atento a esse processo, comprometido assim com a vida em mudança, redimensionando-o, atendendo assim suas necessidades. Dessa forma, os professores demonstram a importância das aulas de violão no projeto à medida que valorizam esse processo de planejamento.

Finalizando sobre as práticas pedagógicas implantadas pelos professores de violão entrevistados da SBE, gostaria de fazer um último destaque em relação a seleção de repertório realizado por esses professores, no qual vêm com suas músicas pré-selecionadas, e só após os alunos progredirem é que pode haver ou não a inclusão da música do aluno, a depender da compatibilidade do grau de dificuldade da música com o desenvolvimento no violão da turma, indicando que os professores valorizam o repertório dos alunos. Como aponta Tourinho (2006) é importante ter respeito ao discurso musical do aluno, entretanto não como única possibilidade, afinal um dos papéis da escola é ampliar o conhecimento, a cultura dos alunos, e no caso da música devemos ampliar os estilos conhecidos por eles. Sendo assim, acredito na importância de incluir também desde as primeiras aulas o repertório trazido pelos alunos, pois com isso eles se sentem participantes da própria formação musical. Dessa forma, a partir dessa atitude dos professores, os alunos se sentem incluídos no processo facilitando sua própria aprendizagem, mostrando assim a importância do ensino de violão dentro do projeto da SBE.

Fazendo o encerramento da análise gostaria de esclarecer que apesar das críticas, a iniciativa e permanência do ensino de violão nas escolas a partir da SBE é um projeto que traz grande relevância e avanço ao demonstrar, com a análise dos dados, a necessidade do projeto, visto que surgiu exatamente a partir da procura dos alunos pelo instrumento, tendo bastante demanda, além de ser bem aceito pelas escolas e a comunidade. Entretanto ao longo dos anos não conseguiu receber a devida atenção, desde a baixa contratação de professores de violão, a uma falta de coordenação a frente da área, material de baixa qualidade, as vezes espaço físico

inadequado, até a falta de conhecimento dos professores dos aspectos pedagógicos do ECIM e do ECV. Apesar disso, nos últimos anos o projeto vem crescendo e hoje conta com três professores de violão ativos, atendendo cerca de nove escolas, e segundo o coordenador, com boas perspectivas para um crescimento próximo.

Espero que esse trabalho possa contribuir de alguma forma para área de música em geral ampliando o debate a respeito das práticas do ECIM na escola de educação básica, em especial o ECV, e também para nós que fazemos parte desse projeto de ensino de violão a partir da SBE, fomentando o conhecimento no setor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de instrumentos musicais, assim como o ensino de violão na Educação Básica é uma realidade que vem sendo discutido cada vez mais e adotado por diversos autores e professores pelo Brasil, como ficou evidente neste trabalho. Nesse sentido, as discussões acerca do tema são diversas, buscando por técnicas e metodologias adequadas para esse contexto. Sendo assim, os estudos apontam a respeito de metodologias voltadas para esse ensino a partir do Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) e do Ensino Coletivo de Violão (ECV), que é o foco deste trabalho, como sendo uma opção viável para a Educação Básica a partir dos vários benefícios já referidos nesse texto. Dessa forma, essa experiência de ECV na Educação Básica também é uma realidade em algumas escolas municipais da cidade de João Pessoa através do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança (SBE), surgindo com isso, o tema dessa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso.

Nessa direção, considero que os objetivos, até certa medida, foram alcançados e a pergunta norteadora dessa pesquisa foi respondida. Sendo assim, a partir das discussões levantadas durante a análise, foi possível compreender e analisar quais as principais características, como e por que o ensino de violão começou a fazer parte das atividades do projeto da SBE, e dessa forma, realizar uma análise articulando os dados coletados com os autores que tratam sobre o tema.

Em relação ao primeiro objetivo específico, que diz respeito à identificação e compreensão do que motivou a inserção das aulas de violão no projeto e sua continuidade, foi possível identificar que a motivação do surgimento desse ensino no projeto da SBE partiu da demanda dos alunos que demonstravam interesse em aprender a tocar violão e outros instrumentos que não fazem parte da banda marcial, surgindo assim o ensino de violão, flauta doce e cavaquinho. Assim como também a permanência do ensino de violão no projeto acontece exatamente devido a boa aceitação dos alunos, da escola e da comunidade.

Tratando do segundo objetivo, que se refere a necessidade e o significado das aulas de violão como parte das atividades do projeto, a análise aponta para uma alta demanda desse ensino não só nas escolas que são contempladas pelo projeto, como também existe uma procura considerável em outras escolas, demonstrando a necessidade das aulas de violão a partir do projeto da SBE. As análises apontam ainda que o ensino de violão no projeto tem como objetivo a ampliação do acesso de ensino de instrumentos musicais que não fazem parte da banda marcial, demonstrando o significado das aulas de violão como parte da SBE.

Por fim, em relação ao objetivo voltado a compreender e analisar como acontecem as aulas de violão dentro do projeto vários apontamentos são necessários. Primeiramente é possível observar que os professores têm abordagens muitas vezes parecidas, mas têm algumas que divergem também. Em se tratando da metodologia adotada pelos professores entrevistados, eles adotam metodologias semelhantes através da transmissão oral e da repetição fazendo o aprimoramento de forma gradativa, no qual demonstram a valorização do ensino prático desde o início no instrumento, abordagem essa efetuada por diversos autores onde apontam que devemos primeiro praticar para só depois teorizar. Além disso, os dados apontaram que o planejamento feito pelos professores está atento às mudanças e às necessidades sociais dos alunos favorecendo a vivência de mundo dos participantes, fazendo com que se sintam participantes da própria formação. Entretanto os professores apontam alguns desafios como falta de material e reposição ou as vezes um local inadequado para as aulas, e ainda dos desafios em administrar as diferenças de aprendizagem, exigindo mais atenção do professor.

Para finalizar, gostaria de ressaltar a relevância do tema trazido nesse Trabalho de Conclusão de Curso para a área de educação musical, principalmente a ocorrida nas escolas de Educação Básica, ensino esse que dialoga com a metodologia do Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM), em especial atenção com o Ensino Coletivo de Violão (ECV), no qual ocorre em algumas escolas municipais da cidade de João Pessoa através do projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança (SBE). Apesar do contexto individual no qual se insere essa pesquisa, ela aponta semelhanças com o que traz os relatos de experiência e outros tipos de pesquisa já publicados, demonstrando estar inserida no contexto macro da educação musical. Diante disso, espero que a discussão do tema contribua de alguma forma para o crescimento da área.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elder Pereira. O ensino de instrumentos musicais na educação básica. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. **Anais** [...]. Natal: Abem, 2015. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1163/public/1163-4418-1-PB.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.
- BARBOSA JÚNIOR, Luiz Fernando. Ensino coletivo de sopros na educação básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas musicais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 8., ENCONTRO DE PIANO EM GRUPO, 3., Goiânia, 2018. **Anais** [...]. Goiânia, UFG, 2018. p. 81-87. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_VIII_ENECIM_compressed.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.
- BARBOSA, Robert Ruan de Oliveira. O ensino coletivo de violão nas escolas públicas estaduais de Manaus através do Projeto Jovem Cidadão - UFAM. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal, RN. **Anais** [...]. Natal, RN: Abem, 2015. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1223/public/1223-4425-1-PB.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.
- BEZERRA, Veronica Gurgel. **Os professores de instrumentos e suas ações nas escolas parque de Brasília: uma pesquisa descritiva**. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/17204?locale=en>. Acesso em: 07 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CARREIRO José Rones Rodrigues; NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo. A análise de estratégias metacognitivas aplicadas ao ECIM de sopros/metais em contexto escolar. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., Natal, 2022. **Anais** [...]. Natal: Abem, 2022. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/anais_ersd/v5/papers/1220/public/1220-5623-1-PB.pdf. Acesso em: 14 out. 2023.
- CRUVINEL, Flávia Maria. I ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical: o início de uma trajetória de sucesso. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1., Goiânia, 2004. **Anais** [...]. Goiânia, 2004.
- CRUVINEL, Flávia Maria. O ensino coletivo de instrumentos musicais na educação básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de ensino musical. *In*: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 8., Brasília-DF, 2008. **Anais** [...]. Brasília-DF: Abem, 2008. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/congressos_realizados_ver.asp?id=54. Acesso em: 14 out. 2021.

CRUVINEL, Flávia Maria. O ensino coletivo de instrumento musical como alternativa metodológica na educação básica. *In*: RODRIGUES, Edvania Braz Teixeira; Luz Marina de ALCÂNTARA (orgs.). **O ensino de música: desafios e possibilidades contemporâneas**. Goiana: Seduc/GO. 2009, p. 71-79. Disponível em:

https://www.academia.edu/36323890/CRUVINEL_F_M_O_Ensino_Coletivo_de_Instrumento_Musical_como_alternativa_metodologica_na_educacao_basica. Acesso em: 08 maio 2022.

DANTAS, Victor Vitoriano. Procedimentos de ensino de música para crianças e adolescentes no contexto das bandas filarmônicas. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 2021, João Pessoa, PB. **Anais [...]**. João Pessoa, PB: Anppom, 2021. Disponível em:

<https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/view/945>. Acesso em: 14 maio 2022.

ESTUMANO, Jucélia da Cruz; FERREIRA, Anielson Costa; CHADA, Sônia Maria Moraes; COHEN, Lilian Barros; ARAÚJO, Hélio Jônatas Lima. Projeto de extensão flauta doce: um encontro de saberes musicais. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 24., 2019, Campo Grande, MS. **Anais [...]**. Campo Grande, MS: Abem, 2019. Disponível em:

<https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/viewFile/315/115>. Acesso em: 21 out. 2021.

GOMES, Carolina Chaves; AMARAL, Sthela Cristina de Medeiros Gomes. Música na escola básica: experiências de criar, apreciar e performar na oficina de musicalização através da flauta doce com alunos do ensino fundamental em tempo de distanciamento físico. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., 2022, Natal, RN. **Anais [...]**. Natal, RN: Abem, 2022. Disponível em:

http://abemeducaomusical.com.br/anais_ernd/v5/papers/1319/public/1319-5507-1-PB.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

GOMES, Daniele Salina G.; MENDES, Adriana do Nascimento Araújo. Subprojeto de Música do PIBID Unicamp na E.E. José Vilagelin Neto: relato de experiência na prática docente do ensino coletivo de violão. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 11., 2018, São Carlos, SP. **Anais [...]**. São Carlos, SP: Abem, 2018. Disponível em:

http://abemeducaomusical.com.br/anais_ersd/v3/papers/3234/public/3234-11385-1-PB.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

GREZELI, Estêvão; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. De um Grupo de Flautas a uma Orquestra Escolar: quando o currículo reflete as atividades extracurriculares. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 24., 2019, Campo Grande, MS. **Anais [...]**. Campo Grande, MS: Abem, 2019. Disponível em:

http://www.abemeducaomusical.com.br/congressos_realizados_ver.asp?id=109. Acesso em: 12 out. 2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Victor Matos de. **O ensino coletivo de violão: uma experiência de aprendizagem cooperativa no Instituto Federal Fluminense**. 2015. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11113>. Acesso em: 07 mar. 2022.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu Ensino**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PICANÇO, Mickelsen da Costa. Ensino coletivo de flauta doce nas aulas de Arte do ensino fundamental 2 em escola pública de tempo integral em Manaus. *In: ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 8., 2022, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Abem, 2022. **Disponível em:** http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernt/v5/papers/1145/public/1145-5640-1-PB.pdf. **Acesso em:** 18 abr. 2023.

PIMENTEL, Davi de Lima. Habilidades sociais e educação musical na escola: uma experiência a partir do ensino coletivo de instrumentos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL*, 9., e *ENCONTRO DO FÓRUM PERMANENTE DE ENSINO DE INSTRUMENTOS E ESCOLAS ESPECIALIZADAS EM MÚSICA*, 6., 2020, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Abem, 2020. p. 179-185. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_IX_ENECIM_Final_.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

RIBEIRO, Jamerson Farias. O Cavaquinho Aprendiz! O ensino coletivo do cavaquinho na educação básica. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL*, 8., e *ENCONTRO DE PIANO EM GRUPO*, 3., 2018, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2018. p. 187-196. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_VIII_ENECIM_compressed.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

ROCHA, Thomáz Ribeiro. Aprendizagem musical coletiva em sala de aula: um relato de experiência com alunos de instrumento. *In: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 15., 2018, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Abem, 2018. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_erco/v3/papers/3289/public/3289-11284-1-PB.pdf. Acesso em: 16 out. 2021.

RODRIGUES, Marisa Nóbrega; SILVA, Gustavo Gomes da. Sub-projeto PIBID - Música: a construção do monocórdio e sua utilização na educação básica. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 15., 2020. [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Abem, 2020. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/506/254>. Acesso em: 14 out. 2021.

ROSA, Tauini Mauê Santos; SILVA, Helena Lopes da. Sentidos da música no novo ensino médio: um estudo de caso realizado na Escola Estadual Governador Milton Campos. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 25., 2021, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Abem, 2021. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/984/public/984-4408-1-PB.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

SANTOS, Carla Pereira dos. Ensino coletivo e formação de grupos instrumentais: propostas para o ensino-aprendizagem do violão no Instituto de Música Waldemar de Almeida – Natal/RN. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 17., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Abem, 2008.

SANTOS, Carla Pereira dos. Desafios e perspectivas para o ensino do instrumento na escola de educação básica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 17., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Abem, 2008.

SANTOS, Carla Pereira dos. **Ensinar música na escola**: um estudo de caso com uma orquestra escolar. 2013. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70372/000877265.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 out. 2021.

SANTOS, Carla Pereira dos; SANTANA, Elen Firmino de; MELLO, Danyel Costa. Ensino e aprendizagem de instrumento musical na escola: um panorama a partir dos anais da Abem e da Anppom. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., 2022, Natal, RN. **Anais [...]**. Natal, RN: Abem, 2022. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v5/papers/1363/public/1363-5512-1-PB.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

SANTOS, Carla Pereira dos. Música na escola de educação básica: conceitos e dimensões. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 17., 2015, Natal, RN. **Anais [...]**. Natal, RN: Abem, 2015. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1016/public/1016-4383-1-PB.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

SANTOS, Glauce Regina Victor da Silva; MENDONÇA, Maurício de Oliveira. Um estudo sobre estratégias metodológicas no ensino coletivo de violão. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 9., e ENCONTRO DO FÓRUM PERMANENTE DE ENSINO DE INSTRUMENTOS E ESCOLAS ESPECIALIZADAS EM MÚSICA, 6., [S.l.], 2020. **Anais [...]**. Goiânia: Abem, 2020. p. 262-274. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_IX_ENECIM_Final_.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

SANTOS, Jill Margarete Rodrigues Feitosa de Sousa; SANTOS, Rita de Cássia Domingues dos. O ensino musical em bandas de percussão: a influência da formação do regente de banda. *In*: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., 2020, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Abem, 2020. Disponível em: <https://abem-submissoes.com.br/index.php/RegCO2020/centro-oeste/paper/viewFile/473/249>. Acesso em: 21 out. 2021.

SANTOS, Wilson Rogério dos. **Educação musical coletiva com instrumentos de arco: uma proposta de sistema em níveis didáticos.** Tese (Doutorado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24067>. Acesso em: 23 out. 2022.

SILVA, Dieudes Laenio de Sousa; SANTOS, Carla Pereira dos. Orquestra de Violões de Corrente: uma pesquisa em andamento sobre o ensino coletivo no ambiente escolar. Comunicação. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., 2022, Natal. **Anais [...]**. Natal: Abem, 2022. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v5/papers/1372/public/1372-5514-1-PB.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

SILVA, Dieudes Laenio de Sousa; SANTOS, Carla Pereira dos. Ensino coletivo de violão no processo de aprendizagem em uma orquestra escolar: uma pesquisa no âmbito do mestrado profissional em Artes. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 25., 2021, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Abem, 2021. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/869/public/869-4358-1-PB.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

SILVA, Jéssica Tavares da; SANTOS, Alaianny da Silva; AMUI, Gustavo Araújo. Reciprocidades entre ensino coletivo de violão e inclusão. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 9. : ENCONTRO DO FÓRUM PERMANENTE DE ENSINO DE INSTRUMENTOS E ESCOLAS ESPECIALIZADAS EM MÚSICA, 6., 2020, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Abem, 2020. p. 305-316. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_IX_ENECIM_Final_.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

SILVA SÁ, Fábio Amaral da. **Ensino coletivo de violão: uma proposta metodológica.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/da3abf2d-d95b-4675-af6f-0adc89d6aa16>. Acesso em: 02 set. 2021.

SOUSA, Luziene Ferreira de. O ensino coletivo de instrumento musical: o violão. *In*: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15., 2018, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Abem, 2018. Disponível em http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ercoc/v3/papers/3192/public/3192-11307-1-PB.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

SOUSA, Luziene Ferreira de. Ensino coletivo de violão: um relato de experiência docente no PIBID subprojeto de música - IFG campus Goiânia. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 8., E ENCONTRO DE PIANO EM GRUPO, 3., 2018, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia, UFG, 2018. p. 197-203. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_VIII_ENECIM_compressed.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

SOUSA, Natanael Martins de; STERVINO, Adeline Anelyse Marie. Representações mentais e aprendizagem da flauta doce: análises preliminares de um estudo de caso. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 15., 2020, [S.l.]. **Anais [...]**. Londrina: Abem, 2020. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/regionais_realizados.asp. Acesso em: 12 out. 2021.

SPOSITO, Ana Paula Martos Simão. A Música Afro-brasileira na escola: prática coletiva utilizando instrumentos de percussão alternativos. *In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 17., 2016, Curitiba, PR. **Anais [...]**. Curitiba, PR: Abem, 2016. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ersul/v2/papers/1964/public/1964-6870-1-PB.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

TAVARES, Priscila Gomes de Souza. O ensino coletivo de flauta doce: um relato de experiência no IFRN Campus João Câmara. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL*, 9., e ENCONTRO DO FÓRUM PERMANENTE DE ENSINO DE INSTRUMENTOS E ESCOLAS ESPECIALIZADAS EM MÚSICA, 6., 2020, [S.l.]. **Anais [...]**. Goiânia: Abem, 2020. p. 292-297. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_IX_ENECIM_Final_.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

TOURINHO, Ana Cristina Gama. Reflexões sobre o ensino coletivo de instrumentos na escola. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL*, 1., 2004, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia, UFG. 2004. p. 37-43.

TOURINHO, Ana Cristina Gama. Ensino coletivo de violão e princípios da aprendizagem colaborativa. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL*, 2., 2006, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2006. p. 89-96.

TOURINHO, Ana Cristina Gama. Ensino coletivo de violão: proposta para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO*, 20., 2006, Montenegro. **Anais [...]**. Montenegro: FUNDARTE, 2006.

TOURINHO, Ana Cristina Gama. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 16., 2007, Campo Grande, MS. **Anais [...]**. Campo Grande, MS: Abem, 2007.

TOURINHO, Ana Cristina Gama. Ensino coletivo de violão: princípios de estrutura e organização. **Revista Espaço Intermediário**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 83-93, 2007.

TOURINHO, Ana Cristina Gama. O ensino coletivo na educação básica e em espaços alternativos: utopia ou possibilidade? *In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL CENTRO-OESTE*, 8., 2008, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: Abem, 2008.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

Termo de Consentimento

Eu, _____, disponho-me, voluntariamente, a participar da pesquisa realizada por Venâncio de Paula Ribeiro Júnior, RG 2.663.710 SSP-PB, CPF 034.193.704-58, para a realização do seu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba.

Autorização para uso do nome pessoal:

O meu nome, bem como dos demais participantes envolvidos no trabalho, não serão mencionados em qualquer meio de divulgação, garantindo-se assim o anonimato dos participantes;

Autorizo a mencionar o meu nome no trabalho de conclusão de curso;

Autorizo a realização de gravações de áudio, entrevistas, fotografias e filmagens, como recurso para o registro das aulas enquanto material de pesquisa;

As fotografias, filmagens, transcrição de entrevistas e gravações em áudio que forem autorizadas serão utilizadas como material de análise e poderão ser inseridas no trabalho de conclusão de curso e utilizadas em eventos acadêmicos, artigos científicos e demais materiais de cunho acadêmico e científico.

João Pessoa, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do responsável: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O COORDENADOR

Identificação

Nome.

Data.

Sobre o projeto

1. Há quanto tempo e como surgiu o projeto da Seção de Bandas Escolares, Música e Dança? Quem foi ou quem foram as pessoas que iniciaram o projeto?
2. Com que objetivo o projeto foi criado?
3. Gostaria que falasse brevemente sobre como o projeto funciona nos dias de hoje e quais subprojetos estão inseridos.
4. Há quanto tempo você está ou esteve no projeto e a quanto tempo é ou foi coordenador? Como foi esse processo?
5. Onde funciona o projeto? Como é feita a escolha do local? (Em quantos locais/escolas há atividade do projeto? Possui uma sede? Onde fica?)
6. Me fale quem são os professores que atuam no projeto. (Qual a formação desses professores?)
7. E como esses professores entram no projeto? (Quantos professores há no projeto?)
8. Você poderia me falar quem são as pessoas que participam das aulas do projeto? Como elas ingressam?

Sobre as aulas de violão

9. Quando foi que o violão passou a fazer parte do projeto?
10. Me fale como surgiu a ideia de inserir aulas de violão no projeto? O que motivou? Partiu de alguém ou de algum grupo de pessoas?
11. Com que objetivo as aulas de violão se inseriram no projeto?
12. Onde funciona as aulas de violão? Como é feita a escolha do local? (Em quantos locais/escolas há aulas de violão? Porque não amplia para outras escolas?)
13. Me fale quem são os professores de violão. (Qual a formação desses professores?)
14. E como esses professores de violão entram no projeto? (Quantos professores de violão há no projeto? Já houve outros professores?)
15. Você poderia me falar quem são as pessoas que participam das aulas de violão do projeto? Como elas ingressam?
16. Como é a procura pelo curso de violão? São várias escolas que têm essa demanda pelo curso de violão? (Porque não amplia para outras escolas? Caso ele diga que tem muita demanda).
17. De modo geral, gostaria que me falasse o que pensa sobre o ensino de violão nas escolas. Quais vantagens e desvantagens você enxerga?

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS PROFESSORES

Informativas

Nome ou pseudônimo.

Data.

Participação no projeto

1. Como você começou a fazer parte do projeto e a quanto tempo?
2. Além de violão, o que você ensina? Além de ensinar, tem outras funções?
3. Fale sobre as escolas que trabalha e as que já trabalhou no projeto? Por que mudou? (Se for o caso). E leciona em que espaço dentro da escola?
4. Fale sobre sua relação com as escolas. Participa de projetos pedagógicos?
5. Como é a procura pelo curso de violão? Essa procura é apenas na escola que você atua ou é uma demanda do projeto?
6. Por que o violão faz parte do projeto, você poderia comentar?
7. Você sabe quando as aulas de violão começaram a fazer parte do projeto e o que motivou a ideia de aulas de violão?

Pedagógica

8. Quem são as pessoas que participam das aulas? (Alunos da escola, da comunidade, filhos de funcionários.)
9. Como é feito o ingresso dos participantes?
10. De que maneira é feita a organização e distribuição das aulas? (Quantas turmas e alunos por turma? Horário e duração das aulas? Quantas aulas semanais?)
11. O que você ensina nas aulas de violão e por que?
12. Como você realiza suas aulas, é individual, coletiva, em grupo? Qual é a metodologia e como funciona?
13. Como é feita a seleção do repertório?
14. Como planeja as aulas?
15. Que materiais didáticos e recursos tecnológicos utiliza?
16. Há algum tipo de acompanhamento do seu trabalho?
17. Há algum tipo de acompanhamento da participação e desempenho dos alunos?
18. Quais são os principais desafios que você enfrenta?
19. De modo geral, gostaria que me falasse o que pensa sobre o ensino de violão nas escolas. Quais vantagens e desvantagens enxerga?
20. Fale sobre sua relação com os alunos, incluindo a construção de vínculos afetivos, o desenvolvimento da autoestima e da confiança dos alunos.